

OLGA SALAR

fique esta noite...
e todas as demais



Fique esta noite... e todas as demais.

Fique esta noite... e todas as demais.

© Olga Salar.

Primeira edição: março 2013

Segunda edição: abril 2019

Imagem de capa: Alicia Vivancos.

Tradução e revisão: R. M. Vieira

www.olgasalar.com

Todos os direitos reservados. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da obra, só poderá ser feita com a autorização expressa dos titulares do copyright.

"Nós mantemos esse amor em uma fotografia
Nós fizemos essas memórias para nós mesmos
Onde nossos olhos nunca estão fechando
Corações nunca são quebrados
E o tempo está congelado para sempre"

Ed Sheeran

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Epílogo](#)

Prólogo

Início de junho de 2012

Diego estava exausto, ele havia passado os últimos dois dias trabalhando no turno da noite e, embora nada de importante tivesse acontecido, tiveram que deixar a delegacia várias vezes e, entre a tarefa de responder a várias chamadas e patrulhar a área, não teve um só momento de paz.

Então, a única coisa que pensava enquanto dirigia para casa, às seis e meia da manhã, era tomar um banho, ir para a cama e dormir dois dias seguidos, talvez três. Ele nem sequer pensou em dedicar um minuto ao seu estômago e tomar café da manhã antes de cair derrotado pelo sono. Só podia se imaginar sob os lençóis frios em seu quarto, com as persianas abaixadas e as cortinas fechadas para evitar qualquer lampejo de luz que pudesse espreitar entre elas.

Ele colocou o carro no estacionamento de seu prédio e pegou o elevador. Era muito cedo para o porteiro estar em seu posto, então nem se incomodou em colocar a camisa que estava carregando em seu ombro. O calor era inquietante mesmo estando em meados de junho. Era assustador pensar em como seria o mês de agosto.

Ele estava empurrando a porta do elevador, quando ouviu uma batida e um gemido de dor. Abriu a porta, com medo de ter levado alguns de seus vizinhos do *jet set*, quando se viu diante de uma deusa em miniatura com profundos olhos azuis e uma longa juba preta que se derramava diretamente sobre os ombros e costas nuas. A cor do cabelo dela competia com a de seus olhos, lançando reflexos azulados na claridade da manhã.

—Está bem? — Ele perguntou, pecando pelo pouco original.

—Eu acho que sim, onde você estava indo com tanta pressa? — Perguntou a ferida em uma voz rouca e sensual e com um pouco de diversão em seu tom. Ela olhou para o torso nu e, naquele olhar, Diego notou que a temperatura do corpo aumentava consideravelmente e não exatamente por causa do calor do ambiente.

—Para minha casa, embora a pergunta correta seja, para onde você estava indo neste momento, ou de onde você veio? — Ele acrescentou com um sorriso. — Eu moro aqui — ele disse, apontando para a porta na frente dele com um aceno de cabeça e uma piscadela travessa.

—Então você é o policial? — Ela perguntou enquanto perdia o equilíbrio em saltos altos ao pegar uma bolsa enorme do chão.

—E você é...? — Ele a interrogou com um sorriso irresistível em seus lábios e alguma expectativa em seus olhos.

Daphne pensou que sim, essa era sua melhor arma e não a regulamentada, aliás, tinha certeza de que ele sabia disso e explorava, poucas mulheres seriam capazes de vê-lo sorrir daquele jeito e não aceitar o que quer que ele quisesse pedir-lhes.

—Daphne, sua nova vizinha. — Ela estendeu a mão e se sentiu tola, o melhor teria sido dois beijos.

Como se tivesse lido a mente dela, pegou a mão que ela oferecia para atraí-la e roçar as suas bochechas com os lábios.

—Encantado, Daphne. Nos veremos — ele disse enquanto procurava no bolso a chave de sua casa, ansioso para fugir dali.

«Que policial! Em vez de acalmar os ânimos, ele os acende!» Daphne pensou ao entrar no elevador. Aparentemente, ser um funcionário era lucrativo porque você podia se dar ao luxo de viver bem no centro do mundo.

Diego fechou a porta e se encostou nela, interrompendo a conversa tão abruptamente porque, apesar do cansaço, do calor e da situação erótica, a nova vizinha e seu perfume o estavam atormentando demais. Ele teria que investigar com o porteiro, tinha

certeza de que, se lhe trouxesse uma cerveja gelada, descobriria o que não estava escrito.

Uma vez que ele decidiu sobre o seu método de agir, se tornou consciente de seu próprio corpo, que estava gritando para que cuidasse dele. Retomou seu plano anterior, já que naquele momento uma ducha fria era vital para que pudesse pregar o olho depois da cena vivida.

Capítulo 1

Final de agosto de 2012

—Não é possível — Diego disse a si mesmo enquanto corria para o carro, colocando a jaqueta na estrada. —Isso é loucura!

Quando chegou, seu parceiro já estava com o carro pronto para sair às pressas. Com as sirenes e o pouco tráfego que estava no verão em Madri, eles seguiram na direção indicada em seis minutos e trinta e sete segundos. «Novo recorde», eles parabenizaram um ao outro alegremente. Não foi uma emergência real, no entanto, a eficiência foi igualmente satisfatória.

Assim que pararam, encontraram vários curiosos olhando para a fachada do prédio em frente a eles, exatamente onde estavam indo. Na fachada, a única coisa que se destacava era uma menina praticamente nua presa em uma das sacadas majestosas. Em outro momento, teria pensado que os curiosos admiravam a fachada de mármore branco, mas não naquele dia.

Diego não pôde deixar de sorrir, a vizinha da frente era uma figura. Desde que se mudou para o prédio, já tinha três incidentes leves em que eles tiveram que intervir, a polícia da região.

Na primeira vez, colocou fogo na cozinha. De acordo com ela, estava tentando fazer o jantar quando a panela acendeu sozinha e, nem curto nem preguiçoso, em vez de encobri-la para que o fogo se extinguísse, ocorreu-lhe jogar a primeira coisa que pegou; uma garrafa de óleo inteira. Como esperado, o óleo fez com que o pequeno fogo na panela subisse e alcançasse o exaustor e toda a frente do fogão.

Quando os bombeiros chegaram, se surpreenderam que o fogo não houvesse se espalhado mais, afinal a menina parecia tocada pela sorte.

Na segunda vez que tiveram que socorrê-la, foi porque estava trancada no elevador e o síndico e o porteiro, os únicos que tinham a chave, estavam de férias na praia com suas respectivas famílias. Quando a resgataram, a pobre garota estava quase desidratada, mas ainda assim, a maldita era tão bonita.

A terceira vez que eles interviram, e o mais chocante é que as coisas sempre aconteciam durante o seu turno, ela deixou as chaves dentro da casa e em um domingo, no meio de agosto e não havia um serralheiro para abrir a porta e agora, quando ele chegou , estava com esse panorama. A esse passo, o seguro elevaria a cota em duzentos por cento.

Vicente disse-lhe com um sorriso malicioso no rosto.

—Diego, você vai? — E seu sorriso infeliz deixou-o irritado. Agora ele estaria pensando que menina fazia tudo isso para conhecê-lo. Com o quão fácil seria encontrá-la no patamar da escada ou bater em sua porta para pedir um pouco de açúcar.

—Claro — ele respondeu brevemente. Que diabo! A desastrada era bonita e com certeza que queria vê-la de calcinha.

Ele andou até o quarto andar e bateu na porta sete. Alguns passos se seguiram e uma senhora abriu a porta sorrindo.

—Diego, que surpresa!

—Olá, Sra. Aurora, você poderia me dar as chaves de Daphne, por favor? Preciso entrar em seu apartamento e não tenho vontade de chamar os bombeiros para quebrar a porta com machados — brincou.

—O que fez desta vez? — Perguntou a mulher sem esconder sua curiosidade.

—Ela ficou trancada na varanda e eu não me pergunte como, porque eu não tenho ideia, mas lá está ela, parando o tráfego. — A velha senhora percebeu que ele parecia estar se divertindo com a situação em que Daphne se encontrava.

—Por que paralisa, filho? Por que ficou trancada? Que fofoqueiros que são essas pessoas, Deus bendito!

—Porque ela está quase nua, Sra. Aurora. Por isso.

A mulher colocou a mão na boca para esconder o sorriso, fechou ligeiramente a porta para abrir a caixinha que havia pendurada atrás dela, onde havia vários chaveiros. Pegou o de Dora Aventureira e deu para ele sorrindo.

—Lembre-se de me devolver a chave, para a próxima vez — ela disse, piscando.

Diego não respondeu, apenas retornou a piscadela e o sorriso.

Desceu ao terceiro, parou na frente da porta de Daphne e abriu-a.

O cachorrinho que Daphne tinha, nem sequer levantou a cabeça da almofada em que estava deitado. Diego sorriu com a ironia de seu nome, Thor. Sem dúvida, o mini-cachorro à sua frente era infinitamente grande e, além de minúsculo, era preguiçoso. Devia reconhecer que Daphne tinha um grande senso de humor.

Com grande tranquilidade aproximou-se da sacada e soltou o trinco, mas antes de abrir a porta e lhe permitir entrar, ele parou para inspecionar o mecanismo, como poderia ter ficado para fora?

Não havia jeito, ou ela era uma bruxa e ela tinha corrido com sua mente ou realmente a garota era um ímã para acidentes.

Olhando para cima do trinco, ele teve que se concentrar em fechar a boca. Daphne, a mulher que o enlouquecia desde a primeira vez que a viu, estava de pé diante dele de calcinha, se o que vestia poderia ser chamado de roupa. Era minúscula, sexy e muito, muito inapropriado para sair na varanda, é claro. As risadas de Vicente e dos outros companheiros valeram a pena se a recompensa era essa.

Ele tragou a saliva e se afastou para deixá-la entrar. Estava realmente impressionante. Era baixinha, mas perfeita, até Fernando Alonso derraparia nas suas curvas...

De sua parte, Daphne quase desmaiou quando viu quem abria a porta da varanda, rezara tudo o que sabia para tivesse o dia de folga e não trabalhasse. Mas a sua vaidosa sorte se voltava contra ela e estava na frente dele, novamente, em uma situação embaraçosa que a fazia parecer tola e desajeitada. Melhor que fosse desajeitada, mas tola... não.

Sorriu quando não conseguiu pensar em nada para dizer enquanto Diego finalmente a deixava entrar em sua casa. Os voyeurs do portão dispersaram-se, ainda que ficasse evidente, que

seu incidente dera pano aos mexericos que iam da *Corte Inglesa* da esquina por tudo o que restava do verão.

—O que aconteceu com você desta vez? — Ele perguntou condescendente, tentando reprimir um sorriso zombeteiro sem muito sucesso.

Daphne franziu a testa, aborrecida, o que fez Diego perceber que o tom com que ele falara era ofensivo.

—Desculpe, não queria avançar os limites — ele sinceramente pediu desculpas.

—Tudo bem. Na verdade saí para pegar os chinelos e não sei o que aconteceu que fiquei trancada.

—Da próxima vez — ele disse, soando zombeteiro novamente. Comece a se vestir pela cabeça e acabe nos pés, assim evitará tais problemas. — Ele piscou e se virou para sair.

—Obrigada Diego, me desculpe por ter incomodado você. A verdade é que eu esperava que a senhora Aurora saísse para comprar pão e lhe pediria que abrisse, mas as fofoqueiras do shopping tinham que ligar para você — ela reclamou irritada.

—Você vive em um bairro de fofoqueiros, não importa o quanto caro é o metro quadrado, é o que é — disse ele com um encolher de ombros e, sem acrescentar outra palavra, saiu.

Daphne se vestiu, como ele havia aconselhado: começando pela cabeça. Pegou sua mochila e equipamento fotográfico e partiu para a sessão que tinha às nove horas com Julia Di Paliano, uma das modelos mais bem pagas, de acordo com a lista da Forbes.

Quando chegou ao set, minutos depois das nove e meia da manhã, tudo estava pronto. Os holofotes localizados, a modelo tinha terminando seu cabelo e maquiagem, e Pablo dando ordens para os operadores que se deslocavam de um lado para o outro, telas enormes em que o fotógrafo colocava o fundo desejado com o *Photoshop*.

Daphne olhou para ele em silêncio, era incrível como seu parceiro podia tirar vantagem de uma camiseta branca e jeans desgastados. Observando-o se mover com tanta elegância e estilo, alguém entendia a razão pela qual ele atraía tantas pessoas. Para aquele dia ele escolheu o visual intelectual, que completou com óculos escuros que dificilmente precisava. Aos dezenove anos, havia operado à vista e, embora não conseguisse eliminar completamente a miopia, reduziu-a ao mínimo. Ele costumava limitar seu uso para leitura, embora em dias como esse os usasse para acabar com sua aparência.

—Bom dia, Pablito — ela disse sorrindo.

Ele arqueou uma sobrancelha perfeitamente raspada.

—Quantas vezes tenho que dizer para não me chamar assim? —

Ele a repreendeu pela enésima vez.

—Eu sei, é o costume. Você é o Pablito desde os quatro anos de idade, que culpa eu tenho de que o Pablo agora parece mais elegante? Dá um tempo. Com certeza, David te chama de Pablito na intimidade e com ele você não reclama tanto — disse ela, referindo-se à sua última conquista, o modelo da campanha anterior.

—Que invejosa você é! E para sua informação David tem permissão para me chamar como quiser, você não tem — brincou ele diante da provocação de Daphne.

—Isso doeu — queixou-se, prendendo o calcanhar em um dos condutores de ar em que ficavam os modelos para o efeito de vento.

Pablo, acostumado demais a seus acidentes para dar importância a algo tão pequeno assim, estendeu a mão e tirou-a do buraco em que colocara o pé.

—Coloque os sapatos para vir trabalhar. Esta semana não podemos fechar os dutos de ar, precisamos deles para as fotos.

—Tudo bem, papai.

Seu amigo ignorou seu comentário e continuou explicando como estavam os preparativos.

—Julia está no salão de cabeleireiro, estão terminando ela. Ela é muito fofa, então praticamente não precisa de nada — ele disse com admiração. — Eu conversei com ela e está muito satisfeita que você tire suas fotos no estúdio e não tenha que viajar. Realmente não sei como podem dizer que é mimada, se é um amor — defendeu Pablo.

—Será a gravidez, que, além de lhe dar problemas pela manhã, terá suavizado seu caráter. — Era evidente pela frieza de suas palavras que não gostava muito da loira.

—Você é uma pessoa invejosa, como todas as outras que a criticam. — Tendo dito isso, ele ergueu o nariz recém operado e se virou em busca de sua nova amiga.

Daphne e Paul se conheciam a vida toda, então a raiva e as piadas eram o pão de cada dia. Nunca, em todos esses anos, derramaram sangue, e não o faria por causa de uma divergência de opiniões, não importa o quão bonita fosse.

Daphne abriu a mochila e começou a tirar câmeras, lentes e filtros, e agrupar e ordenar para que estivessem perfeitamente posicionados para a sessão que estava prestes a começar. Naqueles momentos conseguia escapar de tudo que a cercava, os buracos assassinos, os acidentes inoportunos e os amigos mal-humorados.

Uma vez que estava com tudo pronto, voltou à realidade, seus sentidos se reavivaram e o aroma de café inundou suas narinas. Seu olhar parou na mesa do bufê, estava morrendo por um café bem forte, mas tinha se auto proibido os estimulantes, como a cafeína ou até que durasse a sessão de fotos. O que menos precisava era acelerar um pouco mais.

Di Paliano teve que posar com um maiô minúsculo que Stella McCarney projetou exclusivamente para a sessão de fotos. Gentilmente se aproximou dela para agradecê-la pela deferência que ela teve ao concordar em tirar as fotos no estúdio e não no Havaí, como as outras modelos. Daphne ficou aturdida por dois motivos: o primeiro foi que se aproximou dela para agradecê-la pelo gesto e o segundo, e mais importante, descobriu quando a modelo tirou o roupão e viu sua minúscula cintura de vespa e sua barriga lisa. Deus, não havia espaço para uma criança!

«Coitadinho» pensou, ainda não nasceu e já é forçado a manter a linha para caber em um espaço tão pequeno. Embora bem pensado, se a genética lhe sorria tanto quanto sua mãe, ele nunca teria que se preocupar com isso.

Ansiosa para terminar o calendário de uma só vez, se concentrou em seu trabalho, no que via através de sua lente e, por duas horas,

ela foi graciosa e elegante em seus movimentos. A Daphne desajeitada e atrapalhada desaparecia assim que ela pegava a câmera em suas mãos e olhava através dela, ninguém que a visse naquele momento acreditaria que várias horas antes ela tinha se trancado em sua própria varanda.

Capítulo 2

Diego acordou desorientado diante do insistente som do celular e do fixo de casa que, ao que parece, tinham se colocado de acordo para soar ao mesmo tempo. Estendeu a mão e pegou o mais próximo dele. A ligação era do trabalho. Ele apertou o botão verde ainda sonolento e soltou:

—Espere um momento, o telefone fixo está tocando — ele disse para quem estava ligando.

Depois do dia de cachorros que sofrera, em que a única coisa agradável fora encontrar a vizinha em roupas menores, ele sonhava em dormir sem ter consciência do despertador, nem mesmo esse pequeno desejo havia sido realizado.

—Não se preocupe, sou eu também — Gema respondeu, a policial responsável pelas tarefas administrativas na delegacia onde Diego trabalhava.

Nesse momento, o telefone parou de tocar.

—O que há? — ele perguntou agora totalmente acordado. Ele tinha saído às seis da manhã, era seu dia de folga, então tinha que

ser algo muito insistentemente perturbado, e provavelmente não era nada bom.

— Precisamos que você substitua Vicente. Faltam apenas algumas horas para que Andrés retorne da casa de seus pais nas montanhas.— explicou sem entrar em detalhes.

Andrés, seu melhor amigo, partira ao mesmo tempo que ele e, se tivesse ido à cidade de seus pais para passar o fim de semana e agora tivesse que voltar, ficaria de muito mau humor.

Melhor ficar longe, ele se aconselhou. No entanto, foi então que ele percebeu o que Gema havia dito.

—O que aconteceu com Vicente? — ele perguntou nervoso e preocupado.

— Ele queimou as mãos. A patrulha parou e ao abrir o capô lhe ocorreu abrir a tampa do radiador sem esperar que esfriasse e se queimou. Estará afastado algumas semanas, então que teremos que chamar um substituto — comentou visivelmente chateada com o incidente e com o trabalho adicional de esperar que o substituto fosse enviado pelo Ministério, se é que o enviaria, que com a crise tudo estava muito mal. Se não enviassem, teriam mais trabalho do que o habitual, haveria um mínimo de efetivos em cada turno.

— Vou para lá — ele disse simplesmente e desligou antes que Gema pudesse responder.

O relógio de cabeceira marcava 14:00, dormiu oito horas e estava com fome. Vestiu-se às pressas e reaqueceu o café que estava na cafeteira que, embora não cheirasse bem, também não cheirava muito mal..

Sem o açúcar que atenuasse o sabor ou qualquer coisa que adoçasse, ele bebeu de um só gole enquanto procurava nos armários da cozinha por algo para colocar em sua boca. Ele encontrou um pacote de biscoitos, mas estavam moles e os jogou no lixo com a cara irritada. Ele teria que entrar no hipermercado da esquina e comprar algo que pudesse esquentar e comer, ou morreria de fome ao longo do caminho.

Quando ele chegou à delegacia com sua lasanha congelada, seu refrigerante e suas batatas fritas, alguns de seus companheiros já estavam no refeitório com a comida e o programa de fofocas. Depois diziam que as fofoqueiras eram as mulheres. Com a desculpa de ver a apresentadora, se inteiravam de tudo o que rolava no mundo rosa e depois repreendiam suas parceiras porque faziam o mesmo todas as tardes.

Houve um silêncio quando as modelos começaram a sair de biquíni, alguns eram quase inexistentes. Sem poder evitar, a cabeça de Diego se encheu de lembranças de Daphne com lingerie...

Os parceiros fizeram cara de aborrecimento e continuaram conversando, prestando pouca atenção à televisão.

Seus rostos sem emoção deram lugar à surpresa quando a voz em *off* da linda apresentadora, falou da fotógrafa responsável pela reportagem que comentavam, e colocaram as imagens das mencionadas: uma morena linda que se movia elegantemente entre os holofotes, maquiadores e cabeleireiros no cenário, em que uma loira escandalosa sorria e agitava os cabelos de um lado para o outro.

— Este ano, o prestigiado calendário da marca de pneus mais famosa do mundo foi realizado pela fotógrafa valenciana Daphne Llorenç. — comentava a apresentadora.

—Pela mãe...! Essa não é a tua vizinha? —disse Adrián que estava sentado justo na frente da porta em que estava parado. Diego não sabia como não a viu, desde que não tirara os olhos da televisão em nenhum momento.

Imediatamente depois, seis pares de olhos pousaram chocados sobre ele. Até as meninas se calaram abruptamente e olharam para

ele em duvida.

— Quem diria que essa vizinha sexy — disse Mateo, apontando para ele — iria esfregar os ombros com essas mulheres.

— Você sabe o ditado, Deus os cria e elas se reúnem! —brincou Damián.

— Eu acho que daqui pra frente eu vou vê-la com outros olhos — exclamou Tomás, divertido.

— Faz o favor de engolir para falar — Lorenzo repreendeu com cara de nojo.

—Ok, pessoal —parou Diego.— Como está o Vicente? — E le perguntou esperando que a saúde de seu parceiro fosse suficiente para desviar a atenção de sua pessoa.

—Não muito bem —explicou Damián.— Estará de licença por pelo menos três semanas.

—Você pode me dizer por que ele não estava usando a porra das luvas? Ou melhor, como diabos lhe ocorreu colocar as mãos no motor? — Ele perguntou irritado.

— Você sabe como é. Ele acha que é capaz de consertar qualquer coisa — comentou Damian enquanto seus companheiros acenavam com suas palavras.

— Poderia ter sido pior. Poderia ter pulado em seu rosto ou algo assim e o deixado cego ou marcado para a vida toda— reclamou Victor que havia ficado de fora da conversa enquanto engolia o arroz de forno de sua esposa.

— Parece que, afinal, temos que agradecer — concluiu Gema, ingressando no grupo.

Diego suspirou aliviado quando a conversa continuou por outros caminhos menos provocativos que a sua vizinha e menos tristes que o acidente de um companheiro.

—Outra vez? — Pablo perguntou com uma voz estridente e alto o suficiente para metade de um restaurante virar em sua direção..

— Sim, não tenho ideia do por que diabos toda vez que algo acontece comigo, os malditos vizinhos têm que chamar a polícia, que chamem os bombeiros, pelo amor de Deus! — Daphne reclamou baixinho, fato que a fez perder credibilidade aos olhos de Pablo. Tinha que gritar quando estava com raiva, se não como diabos relaxaria.

— Isso acontece quando você mora em um prédio elegante — Pablo comentou. David e Daphne riram do comentário.

— Mas se não há ninguém mais chique do que você,— David o acusou — se até os lenços com os quais você limpa o ranho são da Chanel.

— Mas é porque tenho uma pele muito delicada e não me irrita —se defendeu.— Além disso, você sempre tem que ficar do meu lado. É a regra número um dos relacionamentos— explicou muito sério.

— Não acho que é uma boa regra, —Daphne comentou— o que acontece quando seu parceiro está errado? Como neste caso — zombou ironicamente. — Tem que mentir e lhe dar razão? Acho que sua regra não é muito ética.

— Eu concordo com ela — David comentou enquanto mal continha risadas diante do espanto de seu namorado.

—Você está tirando sarro de mim? — perguntou quando seus amigos caíram na gargalhada.

— Claro que não, querido — David respondeu rindo.

— Jamais ousaríamos Pablito — apoiou sua amiga.

—Sabe querido? Adoro quando chamam você de Pablito, isso me faz pensar em você como um garoto mau que precisa ser punido para aprender a se comportar— David comentou provocando, pois sabia que seu parceiro não gostava de ser chamado assim.

— Daphne, você tem minha permissão para me chamar de Pablito sempre que quiser — seu amigo concedeu muito sério.— Acima de tudo, se David estiver perto. E David, você tem permissão para me punir quando necessário.

Ele disse isso com tanta seriedade que nem David nem Daphne puderam evitar sorrir com a ocorrência.

Daphne e Pablo estavam descartando as imagens da sessão do dia anterior enquanto mordiscavam pizzas que pediram para jantar, enquanto David assistia televisão e descansava no sofá.

Depois de comerem os três juntos no restaurante favorito de Pablo, ela foi arrastada por aqueles dois por toda a Golden Mile , entrando em quase todas as lojas pelas quais passavam. Seu melhor amigo sempre encontrava algo para gastar, embora na maioria das vezes ele optasse por cintos. O engraçado é que raramente usava um.

Quando finalmente chegaram em casa, Daphne ainda tinha a questão pendente de selecionar as fotos. Já tinha a modelo que faltava por não ter viajado com as outras, agora tinha que fechar sim ou sim o calendário e enviá-lo para montagem e publicação.

Daphne não entendia como eles podiam gastar tanto dinheiro em um calendário no qual não obtinham nenhum benefício. Afinal, não

estava à venda, a casa os dava aos seus melhores clientes.

Eles já podiam ser bons, pensou Daphne, afinal, nem ela nem os modelos eram baratos, muito menos a semana de luxo no Havaí, da qual haviam acabado de voltar.

Mas essa era uma das melhores partes de ser uma fotógrafa de celebridades, campanhas de moda e assim por diante. Estava claro que a crise não afetava todos igualmente.

Houve um tempo em que ela pensou em fazer outros tipos de fotografias, mais comprometidas, mais artísticas, mas com um parceiro como Pablo, a coisa nunca teria acontecido e, afinal, o que ela queria era olhar através da câmera, apreciar sua própria perspectiva das coisas.

Implantava suas habilidades em seu trabalho, de modo que suas fotografias eram uma mistura de suas inquietações artísticas e do que o cliente precisava. Ela apenas rejeitou um emprego e foi por razões importantes. Haviam lhe pedido que fizesse uma matéria com uma *celebridade* que se casava com um milionário dos Emirados Árabes. A ideia era aparecer em vários vestidos de noiva, embora nenhum deles fosse o que finalmente usaria na cerimônia. Nem sequer considerou aceitar, recusou categoricamente. Ela não fotografava noivas sob nenhuma circunstância. Sua determinação

sobre esse assunto era tão definitiva que inclusive ela se recusou a fotografar sua irmã, casada há menos de duas semanas. Casamentos e noivas lhe davam desgosto, melhor evitá-los e, com isso, as más lembranças de sua infância.

Diego estava imerso em um grande dilema. Vicente era o encarregado de fazer as fotografias do calendário que eles faziam todos os anos e cujos benefícios eram destinados a uma ONG. Eles estavam no final de agosto e ainda não tinham feito nada e, ainda por cima, o fotógrafo não oficial havia machucado as mãos.

Ano após ano eles se alternavam, meninas e meninos, fazendo o calendário. No ano anterior, as parceiras haviam arrecadado mais de cinco mil euros e, agora, cabia aos homens posar e organizá-lo, eles pretendiam exceder o número das mulheres.

Como seus próprios companheiros de equipe, o primeiro pensamento de Diego depois de saber sobre o acidente de Vicente foi Daphne. Não era segredo que ele se sentia atraído por ela e seus companheiros podiam ser tudo, menos burros, muito menos cegos.

Por isso, viram a oportunidade perfeita quando se encontraram formados e sem um fotógrafo para o calendário solidário. Era uma maneira muito mais ortodoxa de os dois passarem tempo juntos, sem a necessidade de mobilizar todas as tropas para resgatá-la de seus acidentes habituais.

E depois de uma votação que ele ganhou por maioria e seus colegas o enviaram para apresentar seu caso na frente dela, uma profissional bem-sucedida que também fazia seu sangue ferver toda vez que ela cruzava seu caminho. «E, pode saber por que diabos aceitará?» disse a si mesmo, nervoso. Por mais que seus colegas o encorajassem, era uma causa suicida.

—Claro que aceita— eles o confortaram. — Se ela se tranca na varanda para vê-lo e incendeia a cozinha... — comentou outro querendo incomodar.

Nem sequer lhe permitiram recusar, embora a ideia não tivesse passado pela sua cabeça. Até Gema e Berta lhe deram conselhos sobre como fazê-la se interessar pelo calendário de caridade.

Então lá estava ele, na porta de sua casa, nervoso demais para bater e muito envolvido com a empreitada para sair e deixar tudo correr.

—Considere feito! — Andrés exclamou, quando ele finalmente o substituiu, mas seu tom era bastante jocoso. Ele parecia se divertir mais do que qualquer um com seu desconforto, na categoria de melhor amigo, sabia o que aquela mulher fazia com seu sangue e a ideia de vê-lo dissimular diante dela parecia motivá-lo muito.

É por uma boa causa, ele se encorajou e, fechando os olhos, tocou a campainha enquanto rezava para que não houvesse ninguém e pudesse dizer no trabalho que ele havia tentado, mas que ela não estava em casa, que saíra uma daquelas viagens em que ficava fora por semanas.

Ele ouviu o latido de Thor, naquele cachorro tudo era minúsculo, seu tamanho, seu latido... Tudo, exceto o mau humor, que era enorme. Ele entendeu que Daphne estava no país, não importa para onde ela fosse, o filhote estava sempre atrás de sua dona, no entanto, para dizer que estava em casa, já estava se aventurando muito...

Quando ela abriu a porta com shorts curtos, sem sutiã, com os pés descalços e com uma blusa que se encaixava perfeitamente, Diego instintivamente cobriu suas partes mais nobres com as mãos. Diante de tal visão, suas calças começaram a jogá-lo nessa área, e não era questão de ela perceber.

— Oi Diego, como vai você? — Ofereceu gentilmente. Nem parecia surpresa com sua visita inesperada.

— Sim, gostaria de lhe dizer uma coisa — ele aceitou o convite.

Ela se afastou e o deixou entrar. Apesar da distância, seu perfume invadiu sua cabeça, embriagador e feminino...

Na sala estava seu amigo Pablo e o garoto que saía anunciando sua marca favorita de jeans. Sobre a mesa havia várias caixas de pizza e eles estavam assistindo um filme no *Blu-ray*. «*Os Vingadores*, boa escolha», ele pensou com aprovação. Novo ponto para a fotógrafa e seus amigos.

Daphne, como uma boa anfitriã, apresentou seus convidados. Pablo já conhecia, encontrara-o várias vezes no patamar, mas, além dos cumprimentos de rigor, não haviam falado mais nada, o garoto lhe ofereceu pizza e cerveja, no entanto, na única coisa que pensava era soltar a bomba e deixar rapidamente a tentação que era Daphne.

Ele tinha certeza de que ela não aceitaria sua proposta, uma mulher como ela deveria ter seus compromissos fechados e quase melhor para ele. A situação já era bastante desconfortável toda vez que eles se cruzavam no imóvel, como para trabalhar com ela e com poucas roupas, para não dizer nu. Os calendários sempre

tiveram um ponto picante e sexy, mas, além disso, desta vez, devia ser muito mais se eles quisessem arrecadar mais de cinco mil euros e superar as meninas.

Quando ele considerou que já tinha sido gentil com seus amigos, que sem dúvida eram um casal, ele se virou para ela e repetiu que precisava conversar com ela. Não era necessário pedir para que fosse em privado.

Ela o conduziu ao que parecia ser seu escritório. Diego mordeu a língua para não rir quando Daphne estava prestes a cair de cara no chão quando tropeçou em seus próprios pés.

—Está bem?

— Sim, eu tropecei. Isso acontece comigo muitas vezes.

— Sinto muito.

—Tudo bem, estou acostumada. Sou muito distraída.

Diego ficou em silêncio e aceitou distraída em vez de desastrada.

A sala em que entraram estava decorada com o que parecia ser seu próprio trabalho. Penduradas nas paredes havia fotografias em preto e branco de todos os tipos de coisas, de mãos a chapéus, algumas colagens eram fantásticas. O escritório era dominado por uma grande mesa que ia de um lado para o outro da parede, um computador de mesa, um laptop e várias impressoras. Era um

espaço habilitado para duas pessoas: duas cadeiras, dois computadores...

Dois espaços de mesa bem diferenciados, um cuidadosamente escolhido e o outro cheio de negativos, latas Nestea, embalagens de doces... Diego percebeu que ele tinha que decidir conversar, ele parecia bobo parado olhando a sala:

— Eu não sei como dizer isso — ele começou a ficar envergonhado pelo olhar intenso que ela lhe deu.

—Que tal pelo começo? —Ela animou sorridente.

—Ok, pelo começo. Meu companheiro Vicente sofreu um acidente e queimou as mãos —explicou tal como ela lhe havia pedido, pelo começo.

—Oh! Sinto muito— lhe disse gentilmente sem entender muito bem o que isso tinha a ver com ela e sua incrível visita.

— Hoje pela manhã, vimos você na TV, tirava fotos para um calendário, estávamos comendo quando você apareceu no meio da tela e todos os companheiros viram você — Ele calou a boca e olhou para ela. Ele percebeu que parecia nervosa, esperando ouvir o que ele tinha a dizer. — Na delegacia todos os anos fazemos um calendário e depois doamos os benefícios a uma ONG. Este ano, cabe aos meninos, nos organizamos por sexo e é de alguma forma

uma espécie de competição entre nós. No ano passado, as meninas doaram cinco mil euros ao Greenpeace, a nossa escolhida este ano foi a Médicos Sem Fronteiras, mas desde Vicente, que era o responsável por tirar as fotos, ficou ferido... Os companheiros pensaram que talvez você tivesse algumas horas para fazer o trabalho— disse esta última parte correndo, calando a boca para que ela pudesse falar.

— Veja bem, eu adoraria ajudá-lo, mas tenho que consultar Pablo, que é quem cuida da minha agenda. No momento, não tenho ideia se tenho algumas horas de folga. Parece bom para você, se eu responder em alguns dias? Então, se finalmente não houver problema, podemos marcar a data — ela explicou gentilmente, embora pela sua expressão não negava, nem aceitava.

— Parece perfeito — Diego comentou. Em nenhum momento ele esperava que Daphne sequer pensasse nisso.

— Ótimo, então ficamos assim — Daphne ratificou com um sorriso que tentava esconder seu próprio espanto com a velocidade com que concordara em pensar nisso. Aquele homem era perigoso, com ele sua veia racional se tornava impulsiva.

— Sim, obrigado — ele respondeu, evitando olhar para o decote dela. Ele teve que se concentrar no rosto para não fazê-lo. Depois

de quão gentil ela tinha sido com ele, o menos que queria era ofendê-la olhando seus seios tentadores.

Daphne o acompanhou até a porta com cuidado, atenta para não tropeçar novamente e ficar em evidência na frente dele.

Ao passar pela sala de jantar, Diego se despediu de seus amigos, que ainda estavam assistindo televisão, e voltou para sua casa, com o maldito perfume de Daphne embutido no nariz e na cabeça.

Capítulo 3

—A mim não quer dar linda, você quer fazer o calendário porque o do cassete te deixa maluquinha e perdida— Pablo disse quando Daphne confessou que queria colaborar com a polícia.

Na noite anterior à partida de Diego, havia contado a ele e David o que lhe havia explicado seu vizinho sobre o calendário solidário, como, devido a um acidente de trabalho, eles ficaram sem fotógrafo e que, depois de assisti-la na televisão durante a sessão com Di Paliano, seus companheiros pensaram nela para substituir o amigo ferido que se encarregaria de tirar as fotografias. Além disso, ele havia acrescentado, a título de justificativa, que para eles seria uma publicidade positiva colaborar na criação de um calendário solidário.

— Você sempre é tão explícito Pablito —exclamou Daphne, corando até a raiz do cabelo. Seu amigo deu um novo significado à palavra «franqueza».

— Filha, coisas claras e chocolate grosso. Você viu o espanador ontem à noite quando o viu na porta, mas você quase se deixa cair a curta emoção — continuou com sua retórica habitual.

— Ok, é atraente, eu gosto — concedeu finalmente, — o que há de errado nisso? — Perguntou irritada por ter sido forçada a confessar. Uma coisa era ser notada um pouco e outra muito diferente era que Pablo a calara tão profundamente.

— Nada mulher, não fique na defensiva. Simplesmente estava constatando um fato. Esse policial a deixa excitada e você, em vez de pedir que ele leia seus direitos, ou seja: em particular, você decide tirar fotos dele e de seus companheiros totalmente de graça, sem benefícios de qualquer espécie, pois o que quer que te diga. Eu exigiria que me pagasse em espécie ou se não, nada de nada. No final das contas, saem os dois ganhando — seu amigo a aconselhou que tudo que queria era que Daphne finalmente soltasse seus cabelos e deixasse de melindres.

—Seu grosso! — Ela reclamou, embora a ideia de Pablo a atraísse poderosamente. — Embora já colocado, ele também pode lhe pagar, nem é que você não o olhe com olhos doces.

— No momento, estou apaixonado por David e não tenho olhos para mais ninguém. Exceto talvez por Evelyne, a vendedora de Loewe, e por algumas boas razões que coloca na minha cara toda vez que passo por ali— ele mordeu o lábio quando se lembrou da morena voluptuosa.

—Outra vez vai mudar de lado? — Daphne perguntou com intenção de incomodá-lo. Depois do extremo que havia sido com ela, merecia a insinuação.

— Querida, eu vivo com um pé de cada lado. Não me apaixono por sexo ou gênero, se te parece mais correto. Eu me apaixono pela pessoa, que seja homem ou mulher para mim, é baseado em relatos pessoais.

— Entendo — comentou com relutância.

— O que você vê é que eu não seguirei o jogo e, portanto, não ficarei ofendido com sua língua viperina. Então, se eu não ficar chateado, você não terá nenhum motivo para ficar bravo comigo e fazer sua santa vontade, que não é outra coisa senão levar as abençoadas fotos para o policial gostosão — Pablo suspirou enquanto virava as páginas de sua agenda. — Na sexta você pode fazer, você tem o dia de folga— ele concedeu diante do sorriso feliz de Daphne. — Na verdade, você tem o fim de semana de folga, mas se você não conseguir nada com isso, é melhor fazê-lo na sexta-feira, e assim, no fim de semana, podemos sair e passar a noite, que boa falta que faz você ficar um pouco. Você está começando a perder a cor — ele a repreendeu muito a sério.

—Que malvado você é! Além disso, o calendário é por uma boa causa. —Daphne salientou.

— Sim, uma boa causa. Pelo menos, apreciaremos a vista dos peitorais mais musculosos e trabalhados de todo o corpo de funcionários —seu amigo lambeu os lábios.

—Você virá? — Ela perguntou surpresa, pois após a pequena conversa que tiveram, não parecia disposto a acompanhá-la.

—Claro. Eu sou seu parceiro, além disso, como você diz, é por uma boa causa —Pablo repetiu o mesmo argumento que ela havia exercido durante toda a conversa, embora seus lábios parecessem um pouco irônicos e até sarcásticos. — O fato de ser apaixonado por policiais desde criança não tem nada a ver com a minha decisão de acompanhá-la— confessou ele, piscando o olho.

— Você é mau —Daphne zombou.

O mencionado levantou uma sobrancelha e torceu a boca, um sinal inequívoco de que a resposta estava incorreta.

— Além de ser ótimo e ser o melhor amigo do mundo, é claro — ela disse rindo.

— Isso é muito melhor. Garota esperta! — esclareceu levantando uma sobrancelha. —Eu vou fazer um café, você quer um?

—Esta brincando comigo A cafeína agora não é uma opção para mim.

Pablo esqueceu a resposta que tinha na ponta da língua. A cafeína nunca foi uma opção para Daphne Llorenç.

Daphne e Pablo trabalhavam na casa de Daphne. Anos atrás, eles haviam alugado um pequeno escritório em que mal cabiam, pois o quarto escuro de Daphne ficava em sua própria casa, igual ao que estavam agora e que havia convertido um dos três banheiros em seu centro escuro de operações.

Eles decidiram que era bobagem manter o lugar com uma casa tão grande e se mudaram para a casa dela. Quando Daphne comprou o apartamento no centro de Madri, eles mudaram o escritório, afinal, passavam a vida viajando de um lugar para outro. O equipamento de iluminação e outros acessórios, eles mantinham no armazém, comprados após sua primeira grande campanha publicitária, localizado ao lado de alguns estúdios de televisão famosos.

Pablo organizava a agenda de qualquer lugar e, quando estavam viajando, levava todo o escritório com ele, ou seja, seu laptop, seu iPhone e a agenda eletrônica com a qual Daphne jurava e perjurava que seu amigo dormia, já que nunca se separava dela. A única vez

que a perdeu de vista, estava prestes a fazer o avião em que estavam viajando dar a volta para recuperá-la. Se não fosse a aeromoça eficiente que a encontrou sob seu assento, a experiência teria sido um caos e acabariam sendo banidos nas companhias aéreas com as quais estavam viajando.

Pablo e Daphne eram amigos desde que, no jardim de infância, Pablo a resgatara quando lhe ocorreu fazer tranças com massinhas. Seu novo amigo, dedicou o tempo todo do recreio para tentar tirar a massinha azul do seu cabelo. No final, o resultado foi uma meia juba em vez da longa juba habitual e um amigo para toda a vida, muito mais insistente do que a massinha. Sem dúvida, sacrificar seu cabelo valeu a pena.

Pablo fez de resgatá-la um costume, e não apenas de seus problemas estéticos, mas de todos e cada um de seus tropeços, tanto físicos quanto emocionais, talvez mais físicos que emocionais, dada a tendência a desastres. É por isso que eles se arriscavam juntos no trabalho, e a verdade é que eles estavam indo muito bem. Daphne fazia as fotografias e Pablo todo o resto, desde a escolha de contratos até a organização das montagens. Ele sempre teve um gosto requintado; portanto, em sua relação de trabalho, eles exploravam o melhor de cada um.

Seu amigo era uma constante em sua vida, assim como sua família. No entanto, nos relacionamentos não buscava constância, na verdade, fugia dela. Os pais dela se divorciaram quando ela era muito jovem e, desde então, sua mãe passou a vida reclamando sobre o casamento e ensinando as filhas sobre como era conveniente evitá-lo a todo custo, fazendo com que a filha mais velha tivesse alergia à palavra e pânico para a instituição.

Em vez disso, o mais novo deles era como seu pai, que se casou quatro vezes e ainda esperava encontrar uma nova esposa que finalmente fosse a última.

Chloe sempre sonhou com o dia do casamento, era nessas brincadeiras, quando Daphne se afastava de Pablo e sua irmã, com quem ela só tinha dois anos de diferença, e enquanto eles penteavam os cabelos, se vestiam e fingiam que se casavam em uma igreja cheia de flores, ela partia em uma aventura com a velha Polaroid de seu pai, pronta para capturar qualquer coisa que a mantivesse longe deles e de seus sonhos de cetim branco e alianças.

Durante a adolescência, sua ânsia de escapar de relacionamentos estáveis havia resultado em encontrar os namorados mais não representáveis que conseguia encontrar. Com

a maturidade, a coisa também não melhorou muito, a ponto de, com 28 anos de idade, sua experiência se limitar a relações esporádicas insatisfatórias. Não que com suas viagens constantes pudesse estabelecer um relacionamento sério, para alcançá-lo teria que se esforçar demasiado e Daphne não estava disposta a arriscar sua sanidade por um homem. Teve o suficiente com sua mãe e suas lamentações toda vez que alguém a deixava.

Então, não importava o quão atraída ela se sentisse por seu vizinho, ou quão sexy ele era, nada poderia acontecer entre eles. Era muito perigoso tê-lo a vinte metros de sua porta todos os dias pelo resto de seus dias, acabaria pendurada nele e acabaria como sua progenitora, amaldiçoando-se por não ser capaz de reter o homem que ela queria e confortando-se nos braços de homens errados que só a faziam sofrer, algo que não estava disposta em nenhuma circunstância.

Era uma mulher adulta e inteligente e disse a si mesma que a ideia do calendário a atraía por se tratar de uma questão de solidariedade, tão importante em tempos de crise no país, era por causa da questão da solidariedade e não pelo maldito cassetete que tanto marcava seu vizinho, como havia sugerido, ou melhor, gritado, seu querido amigo Pablito.

Capítulo 4

Na quarta-feira, quando finalmente chegou em casa após uma sessão exaustiva para a revista InStyle Spain, encontrou uma surpresa. Assim que saiu do elevador, depois de machucar o ombro empurrando a porta para abrir, já que ela estava com as mãos cheias de sacolas de compras e câmeras, descobriu que havia algo diferente em sua casa. Ao sair do trabalho, procurou suprimentos no supermercado e ficou tão empolgada em comprar comida que não sabia cozinhar, que quando saiu do carro precisava carregar tudo.

Parou repentinamente. As maçãs caíram da bolsa quando as deixou cair de repente. Algo inesperado ocorria dentro de seu apartamento, a música vinha de dentro e ela, apesar de seus habituais acidentes domésticos, tinha certeza de que nada havia sido deixado ligado, pelo menos tão certa quanto Daphne poderia estar.

Por dois minutos, ela ficou na frente da porta sem decidir entrar, tentada a pedir que Diego a acompanhasse, caso houvesse realmente um intruso em sua casa. No entanto, descartou a ideia por três razões completamente razoáveis: a primeira era que, se

tudo fosse um alarme falso e o rádio tivesse sido deixado ligado, pensaria que era uma desculpa estar com ele. A outra opção era acrescentar mais um motivo à sua longa lista de acidentes, para que ele a classificasse como um desastre com as pernas e o terceiro visava o bem-estar do próprio Diego, que provavelmente acabara de ir para a cama e não seria engraçado incomodá-lo. Bem, aparentemente havia também um quarto ponto recém-criado; seria irresistível e com sua sorte esqueceria o que queria lhe pedir... E não era um plano parecer idiota novamente diante dele.

Determinada a enfrentar o que estava esperando em sua casa, ela tirou as chaves da bolsa e descobriu que não haviam forçado a fechadura. Ela suspirou aliviada, definitivamente deixou a música ligada, era a única explicação significativa, os ladrões não tinham chaves.

Sua confiança desapareceu quando um cheiro maravilhoso de comida caseira entrou em cena. Bem, agora descobriu que os ladrões tinham chaves e cozinhavam ainda por cima! Ela ia se virar e sair sem olhar para trás quando uma versão dela quinze centímetros mais alta e com um avental saiu da cozinha.

—Que diabos você está fazendo aqui? Você deveria estar em um cruzeiro pela Itália com seu marido — rebateu sua irmã quando

finalmente conseguiu falar.

—Me separei —explicou Chloe tranquilamente.

—Na lua de mel? Você está louca?

— Nós não somos feitos um para o outro — comentou como se essa fosse a resposta certa.

—Em sua lua de mel? — Daphne perguntou novamente cada vez mais alucinada com a tranquilidade de sua irmã.

—Você quer parar de dizer isso? Você se repete muito, Daf — repreendeu-a como se fosse nada.

— Ok. Vou tentar, mas não prometo nada. Você sabe que seu casamento provavelmente entra no recorde do Guinness por ser o mais curto da história? —Daphne afirmou.

—Nem sequer consegui isso, estive olhando. O casamento mais curto foi realizado por uma Sara que, depois de se casar, passou uma lua de mel com a melhor amiga de seu marido.— explicou com uma pitada de tristeza.

—Definitivamente está louca!

— Eu quase prefiro a "em sua lua de mel"?— Chloe resmungou irritada com as críticas. Se pelo menos tivesse alcançado o recorde...

— Ótimo, porque tenho outra muito melhor que você vai adorar, mamãe sabe?

—Como você é má! — A acusou de olhos abertos, surpresa. O mínimo que esperava de Daphne era que a traísse assim. Sua mãe era a última pessoa no mundo que ela queria pensar.

—Que eu sou má? Agora, mamãe vai parar de falar comigo por sua causa, tenho certeza de que ela pensa que foram minhas ideias sobre casamento, ideias que ela me ensinou, aquelas que fizeram você deixar seu marido perfeito e rico. E você sabe que ela o ama, Deus! Se é o único homem que suporta em todo o universo.

— Não se preocupe, vou me casar um dia quando encontrar o homem ideal para mim — explicou com olhos sonhadores.

—Se supõe que já deveria ter encontrado— Daphne comentou diante da atitude infantil de sua irmã.

— Eu pensei que sim... mas é por isso que estou aqui com você. Você vai me ajudar a encontrar meu marido ideal.

— Chloe, você é louca. Você tomou uma insolação no navio e é por isso que você faz essas coisas insanas. Não pode haver outra explicação. — Disse enquanto colocava a mão na testa.

— Não, você é exatamente o que eu preciso e você precisa de mim...

— Nem sonhe —sua irmã cortou.

— Não seja infantil, deixe-me explicar meu plano — pediu começando a ficar com raiva.

—Que eu sou infantil? Desculpe, mas quem fez um casamento luxuoso duas semanas atrás foi você, a mesma que agora aparece na minha casa... — cortou de repente. — A propósito, como você entrou?

— Uma senhora mais velha me viu lá embaixo, me perguntou se eu era sua irmã, eu disse que sim e me convidou para a casa dela. Então ele me deu isso — Ele disse apontando para o chaveiro de Dora Aventureira, — e me aconselhou a cuidar de você um pouco, porque você é uma bagunça e pronto. Essa é a ideia. Até encontrar um emprego em Madri, serei sua assistente, não, serei a assistente do seu assistente, certamente Pablito ficará encantado. Cozinharei, cuidarei da casa, impedirei que fique trancada na varanda— disse o último com gozação.

—Vou matar a velha fofoqueira —rosnou Daphne.

— Você é minha irmã, não pode me deixar abandonada, é contra a lei —se defendeu.

— Eu não te deixo abandonada, deveria voltar para o seu marido...

—Não posso! —Chloe se queixou.— Desci do navio em Roma porque o encontrei com outra. O bastardo estava transando com Begoña em nossa lua de mel —explicou chorando.

Naquele momento, Daphne teria pegado um helicóptero ou o que fosse necessário e teria embarcado no navio para cortar as bolas de seu querido cunhado.

—Tudo bem querida— a consolou enquanto a abraçava e acariciava os fios rebeldes de seu cabelo curto. — Tudo bem.

— Você nem me perguntou quem é Begoña —soluçou sua irmã.

—Quem é Begoña? — Perguntou cansada. Chloe foi capaz de controlar uma conversa até em um momento como o que estava vivendo.

—Begoña é a garçonete do restaurante do navio. E pensar que gostei dela com seu rosto bonito!

— Você nunca teve um olho muito bom para as pessoas —disse Daphne.

— Obrigado por me lembrar agora —resmungou. As duas se entreolharam por um momento e começaram a rir sem poder parar, transformando a tensão em uma risada libertadora.

— Na realidade —disse Chloe quando se acalmou, não é tão ruim também. Agora vou ficar para morar com você em um dos

melhores bairros de Madri e vou encontrar o marido ideal, fiel e rico, e você terá comida em condições e assistente pessoal, claro, apenas até eu encontrar trabalho.

—Claro —confirmou Daphne.

—Isso é um sim? — Perguntou esperançosamente.

— Posso dizer não? — Questionou sabendo a resposta com antecedência.

— A verdade é que não.

— Então é um sim. Vamos comer alguma coisa, o que quer que você tenha feito, cheira muito bem.

—Convidamos o policial para comer? — o fereceu sua irmã zombando.

—Eu vou matar a Sra. Aurora! Fofoqueira.

— Não a culpe, você sabe que eu sou muito boa em obter informações de pessoas.

—Certo. Culparei você, mas depois. Agora, se você me alimentar com o que cheira tão bem, conto os detalhes que a Sra. Aurora não te contou.

— Tudo bem — Chloe disse mais calmamente, — mas eu quero todos os detalhes, não esconda nada.

Daphne deu um pequeno grunhido pouco feminino em resposta.

— A propósito, o chaveiro Dora é um sinal para que o referido perceba que você está interessada? Você sabe, Diego. O primo de Dora, aquele que a acompanha em suas aventuras...

—Meu Deus, você é maluca! Como você pode ser tão perturbada? —Reclamou.

— Com muita prática.

E com isso dito, ela se virou muito digna e entrou na cozinha para apagar o fogo e servir a comida. Daphne seguiu sua irmã em silêncio. «Adeus tranquilidade!» disse a si mesma: Chloe era pior que um tsunami, tinha tanta energia que esgotava todos os que estavam ao seu redor apenas falando, mas o pior de tudo era que ela iria se empenhar em se fazer de casamenteira com ela e o vizinho, e graças a Sra. Aurora, conhecia todos os encontros e desencontros do casal.

Capítulo 5

Várias horas depois, Daphne se sentia uma tola enquanto esperava que Diego abrisse a porta, «como não me ocorreu lhe pedir o telefone!?» pensou. Certamente ele não estava ou pior, estava dormindo e sua interrupção o deixaria de mau humor.

Além disso, não era muito bom que estivesse ali para dizer que concordava em tirar as fotografias para o calendário. Se tivesse seu número, teria feito Chloe ligar para comunicar sua decisão, que seria o mais apropriado, dando um toque mais profissional à situação e, ao mesmo tempo, fazendo sua irmã se sentir parte de seu novo trabalho.

Ouviu alguns passos e alguns segundos depois, como a chave virava, e ali estava Diego, de bermuda e com uma camisa de manga curta. Seu sorriso desapareceu quando o viu em roupas normais, era a primeira vez que o encontrava assim. Tinha visto ele de uniforme, inclusive sem camisa, mas nunca com roupas normais de rua e a verdade era que era bastante impressionante.

—Olá, quer entrar, Daphne? — Ele ofereceu enquanto se afastava para deixá-la entrar, embora não fosse rápido o suficiente

para que não se tocassem ao fazê-lo.

Seria o melhor, disse a si mesmo. Ela estava quase certa de que sua querida irmãzinha estava colada no olho mágico da porta, tentando ouvir tudo o que eles diziam. Se aceitasse sua oferta e entrasse em sua casa, ficaria querendo saber do que eles estavam falando, além disso, que diabos! Sentia curiosidade para ver sua casa por dentro.

—Obrigada.

—Gostaria de uma cerveja? — ele perguntou enquanto se dirigia para a cozinha virando para ver se Daphne o seguia.

—Sim, obrigada— respondeu, enquanto, com seu olhar fotográfico, anotava os detalhes que compunham sua casa.

A cozinha era decorada em tons de prata, preto e branco, apesar dos azulejos escuros e dos eletrodomésticos prata, os armários brancos, davam luminosidade ao local. Uma enorme janela permitia a entrada da luz da galeria. Daphne percebeu que Diego sabia cozinhar. Em um canto da grande bancada, havia uma grande coleção de frascos de especiarias, panelas e caçarolas estavam pendurados sobre a ilha... Mas na bancada se destacava principalmente por seu tamanho, um liquidificador XXL.

Diego entregou-lhe um Mahou bem gelada, que ela aceitou de bom grado. O líquido frio entrou em seu corpo, relaxando um pouco a tensão que ela sentia naqueles momentos, frutos da companhia e a cafeína que continha seu sistema. Depois de comer com sua irmã, conversaram incessantemente sobre inúmeras coisas, e tudo isso sem poder se levantar do sofá em que haviam se sentado depois do café. Cada vez que tentava ir para a cozinha, sua irmã a continha com algum novo tópico de conversa ou fazia com que se sentisse culpada por deixá-la com a palavra na boca.

—Veja, Diego —começou nervosa, estar próximo a ele a alterava e se a isso acrescentasse que estavam os dois sozinhos em sua casa, então de nervosa passava a alterada, no sentido figurado de significado, — vim lhe dizer que aceito tirar as fotos para o calendário. Farei na sexta às sete da manhã, eu gosto da luz da manhã, é perfeita para tirar fotos — explicou com olhos brilhantes.

—Tudo bem, como queira, é a chefe. Muito obrigado por aceitar —disse. Ele pareceu surpreso por não receber uma recusa.

— Só mais uma coisa —comentou enquanto se levantava do banquinho em que havia sentado para tomar a cerveja.— Vou tirar as fotos, digitalizá-las, apagar as imperfeições e enviá-las para você. O calendário é coisa sua. Eu só cuido da parte artística.

—Claro, claro. Eu entendo e agradeço. Acho que o resto pode ser feito por qualquer parceiro ou podemos enviá-lo para algum lugar para fazê-lo.

— Bem, então vejo você na sexta-feira —Daphne se despediu, com tanta má sorte que, ao fazê-lo, chutou o banquinho em que estava sentada e, tentando impedir que caísse no chão, deu uma cotovelada na garrafa de cerveja e ela quebrou em mil pedacinhos de cristal. Daphne não sabia onde se esconder, envergonhada por sua falta de jeito, os restos do líquido âmbar que ela não havia bebido estavam espalhados no chão ao lado dos cacos de vidro. Que desastre causou!

— Me desculpe Diego, me dê uma vassoura e limpo essa bagunça — ela pediu muito seria com as bochechas coradas pela vergonha.

—Calma, não se preocupe— ele disse, enquanto se dirigia ao corredor para pegar a vassoura e a pá de lixo.

Deus! Por que essas coisas humilhantes tinham que acontecer com ela, com as pessoas que havia do mundo e era sempre sua vez de estragar tudo nos piores momentos.

Daphne ficou maravilhada ao ver Diego com a vassoura na mão, os movimentos de seu corpo enquanto varria estavam fazendo

estragos nela. Aquele homem era uma caixa de surpresas, bonito e eficiente com uma vassoura na mão, uma verdadeira joia. «Mas que diabos eu estou pensando agora», se repreendeu. «O policial só me interessa para um pouco de felicidade, para cozinhar eu já tenho Chloe».

— É isso aí, viu que rápido? —Ele perguntou para que sentisse melhor.

— Eu sinto muito mesmo — pediu desculpas novamente.

— Eu já te disse que não foi nada.

— Bem, eu vou embora antes que quebre outra coisa — Daphne comentou sorrindo timidamente, já que não era uma desculpa grosseira, mas a pura verdade.

Diego não disse nada, simplesmente sorriu de volta. Ao atravessar a sala enquanto a acompanhava até a porta, Daphne parou de repente, fazendo com que Diego colidisse com ela e suas mãos fossem parar na sua bunda na tentativa de evitar o impacto.

— Não acredito que você tem a coleção completa — ela disse de repente.

Diego ergueu os olhos do lugar onde suas mãos estavam segundos antes e olhou na mesma direção que ela.

Na estante flutuante que havia sobre a enorme televisão de plasma, estava à coleção completa Detetives da Juventude, a saga juvenil que sua avó havia escrito há mais de duas décadas atrás. Uma saga que ainda estava sendo editada e que lhe enchia a conta bancária a cada seis meses.

—Você gosta? — E ele perguntou divertido por sua expressão maravilhada.

— É claro que eu gosto deles, era sua maior fã, não importa o quanto Chloe dissesse que era e que Pablito se vestisse como Lucas. Amanda Felt é uma das minhas escritoras favoritas, sua saga nunca sai de moda, mesmo que não haja vampiros— disse brincando. — Nós três éramos apaixonados por Lucas, ele era muito inteligente e muito bonito — riu diante da ideia, pensando que não a entenderia.

— Bem, obrigado —ele respondeu brincalhão.

Diante da cara de desconcerto dela, Diego se explicou.

—Amanda Felt era minha avó. Morreu há seis anos.

— Que boca grande eu tenho. Sinto muito— Ela pediu desculpas por trazer à memória algo tão doloroso quanto à morte de um ente querido.

— Calma, faz muito tempo. Além disso, você disse que Lucas era lindo... E você sabe uma coisa? Minha avó escreveu esse personagem tomando-me como modelo, então eu te perdoo a lembrança. Desde que você levantou meu ego, pelo menos três graus— ele disse fingindo seriedade.

—Estou feliz por ter sido útil — Daphne continuou a piada, enquanto retomava o caminho para a saída.

Ele respondeu com um sorriso.

—Por isso você se tornou policial? Você queria resolver casos como o personagem de sua avó? — Perguntou enquanto percorria a distância que a separava da porta.

— Pelo contrário, era ele quem queria resolvê-los tão bem como eu, você não sabia que durante anos fui à única pessoa que conseguia encontrar as chaves da Sra. Aurora?

—A senhora A...

— Não diga a ela ou nunca me perdoará —riu cortando seu discurso.

—Bruxa velha! E ainda por cima ri dos meus pequenos desastres— comentou franzindo a testa.

— Bem pequeno, o que se diz pequeno...

— Até sexta-feira, Diego. Vou antes que me arrependa de dizer sim —se despediu rindo.

— Você nunca se arrependerá de dizer sim — ele respondeu de uma maneira que parecia mais uma promessa do que uma realidade.

Capítulo 6

Na sexta-feira, pontual como um relógio, os três amigos chegaram à delegacia onde Diego trabalhava. Daphne estava pensando nas cenas que iria fotografar, considerou várias opções que tornariam o calendário interessante, elegante e ao mesmo tempo picante. Esse último ingrediente era o que fazia com que um produto como esse vendesse ou não. Chloe estava nervosa, porque sua irmã havia concordado em contratá-la como uma garota para tudo e esse era seu teste decisivo. E Pablito estava pensando em suas coisas: ideias recorrentes que envolviam policiais com uniformes, bastões e algemas e que estavam em sua cabeça desde os quatorze anos.

Depois de apresentar a equipe inteira, Daphne pôde ver que durante seus «resgates» quase havia conhecido todos eles. Ela os estudou profissionalmente, havia um bom material para o calendário, pena que as mulheres não participariam, teria sido uma ideia inovadora se o calendário fosse misturado.

Ela visualizou o que queria fazer e deixou Diego, seu amigo Andrés e Tomás por último, eles eram sem dúvida os mais

atraentes. Ela tiraria fotos individuais e se concentraria em agrupar os outros para que saíssem apenas os doze meses do ano.

Ela se recusava a fotografar o típico calendário em que os policiais saíam com roupas leves, suadas e sem mérito. Estava pensando em fazer algo diferente desde o momento em que concordou em fazê-lo. Ainda sem saber muito bem o que queria, guiada apenas por seu instinto, voltou-se para o trabalho, aproveitou a primeira luz no pátio de treinamento e depois mudou o cenário para os vestiários, brincou com toalhas e torsos molhados e aproveitou a oportunidade dos corpos musculosos dos modelos, focando mais na ideia de sugerir do que de mostrar. Todos se mostraram profissionais e um pouco inibidos. Quando terminou de fotografar os grupos, se concentrou nos outros três.

Em nenhum momento perdeu o ar profissional, enquanto Chloe e Pablo se moviam desconfortavelmente nos bancos. Parecia que era a primeira vez que viam homens atraentes com pouca roupa.

—Preciso... — ela ficou quieta pensando em quais objetos colocaria na foto.

—Um cassetete— Pablo disse enquanto olhava para ela desafiadoramente para que negasse que era exatamente o que

precisava. Tanto Daphne como Chloe captaram o duplo significado de suas palavras.

— Sim, um cassete e um quepe também — ela ratificou com as bochechas queimando.

— Quanto maior melhor — comentou Pablo com cara de santo.

Chloe, que não tinha perdido a intenção de seu amigo em dizer isso, soltou uma risada alta, mas assim que sua irmã olhou para ela com tanta seriedade, ficou em silêncio de repente. Não era um plano incomodar a chefe no primeiro dia de trabalho.

—Já tenho! —exclamou eufórica.— Pablo, encontre para Chloe uma camisa que lhe sirva, um quepe e uma calça uniforme, ela estará nas fotos.

—O que disse? — o horror era evidente na menina.

— Uma ideia fabulosa —Pablo elogiou por ter entendido a ideia de sua amiga. — Embora eu também acrescentasse uma gravata, alguns saltos e um chicote.

—Eu gostei, consiga— ela pediu sem perder o ar profissional.

Meia hora depois, Chloe apontava com seu cassete para Andrés, enquanto subia em um par de saltos agulha de quinze centímetros. Daphne começou a fotografar o casal que se conectou imediatamente. A cena ficou sexy e natural, a atmosfera estava

carregada de eletricidade e a fotógrafa conseguiu a foto de capa que tanto ansiava. Uma imagem agressiva e sensual, mas principalmente erótica, de acordo com a moda atual e a demanda, o calendário seria um sucesso, tinha certeza.

Diego sentiu-se estranhamente nervoso, estava quase nu na frente de uma mulher atraente que parecia vê-lo com uma lupa. O fato de tê-lo deixado para o final não ajudou muito a tranquilizá-lo. Após a sessão de Andrés e Chloe, que alteraram o animo de todos, Diego não conseguia tirar de sua mente as cenas tórridas que saturavam seu cérebro imaginativo, o que o levou que uma certa parte de sua anatomia, lhe estivesse jogando maus momentos.

Tentando se controlar, se dedicou a se voltar para outros assuntos menos perigosos, mas não muito longe do objeto de suas fantasias. Por que diabos escolheram Tomás e não Damián, que era muito mais careta? Será que Thomas gostava? Desconfiou. Ele já havia comentado em uma ocasião que o loiro o atraía. Naquela época, havia brincado, mas agora não tinha tanta certeza disso, embora, por outro lado, o que lhe importava se ela gostasse do parceiro dele?

O toque quente de suas mãos o tirou de suas divagações.

—Você pode substituir a toalha?

—Perdão?

— Eu preciso que sua pélvis seja vista um pouco mais —pediu sem se alterar.

Era surpreendente ver como Daphne se transformava quando estava trabalhando, suas maneiras eram seguras e determinadas, e mostrava sempre que sabia o que queria e como queria.

— Acho melhor você vesti-lo, Daf —aconselhou Pablo.— Assim tenho certeza que ficará exatamente como quer que fique.

Diego estremeceu apenas ao imaginar seus dedos roçando a delicada pele de seus quadris, de... «Merda! Pense em algo triste, pense em algo triste...» ele repetia tentando impedir seu corpo de reagir.

— Sim melhor. Diego, por favor levante-se.

Com o rosto impassível e os dedos trêmulos, Daphne desenrolou a toalha nos quadris do homem seminu na frente dela e recolocou de uma maneira que deixou mais pele exposta. A pequena cueca que usava não era suficiente para esconder as partes mais notáveis de sua mais que notável anatomia. Ela estava prestes a se virar e voltar ao seu lugar quando se engasgou com a própria saliva, e foi atingido por um ataque de tosse tão forte que cambaleou em seus pés, ciente de que o equilíbrio não era uma de suas habilidades se

agarrou aquilo que estava mais perto... Diego soltou um gemido que Daphne não sabia se era dor ou de outra coisa. Consciente do que estava fazendo, soltou-o tão rápido que qualquer um teria dito que queimava, e não teria errado muito, a parte do corpo de Diego que a havia salvado de cair estava quente e firme, muito, muito firme.

Fez uma nota mental de que devia muito a Pablo, por sua culpa acabava de passar o maior ridículo de sua vida, o mais desagradável, Voltou a pegar sua câmera novamente, esquecendo o calor abrasador que sentia.

— Como podemos pagar por sua ajuda? — Diego perguntou, uma vez que a sessão terminou enquanto a acompanhava ao carro. A irmã de Daphne e Andrés estavam atrás deles, absorvidos em uma conversa que durava mais de meia hora. Continuavam sorrindo e se olhando com olhos de cordeiro degolado, aparentemente sem se propor, havia exercido a casamenteira com o casal estrela do calendário.

— Você pode me convidar para jantar — Daphne ofereceu em um ataque de valentia.

— Feito. Eu te pego as nove — Diego disse antes que ela lamentasse suas palavras. — Fique à vontade, vamos jantar em

uma taberna, você não precisa se arrumar muito, o ambiente é informal, o importante é a comida.

—Tudo bem—ela aceitou enquanto esperava seus amigos chegarem.

Cinco minutos depois, os três amigos estavam saindo para aproveitar o fim de semana livre. Embora Daphne não estivesse tão impassível como quando tinha a câmera nas mãos.

Capítulo 7

Passavam três minutos das nove, quando Diego tocou a campainha de Daphne, com os cabelos úmidos, uma camiseta branca que marcava seus braços bronzeados e jeans desbotados. Assim que abriu a porta, Diego sentiu o cheiro do perfume inebriante que a rodeava, não conseguiu tirá-lo das narinas durante o dia, ele até se perguntou se tudo se resumia apenas a ser obcecado pelo assunto. Ele afastou esse pensamento de sua mente, concentrando toda sua atenção na mulher que estava sorrindo para ele.

Daphne estava indo como ele pediu, informal. Ela usava uma minissaia que expunha suas pernas bem formadas, sandálias e uma blusa vermelha. Levou alguns segundos para recuperar sua voz.

—Oi Diego, que pontual— ela o cumprimentou gentilmente, diante do silêncio de Diego.

— A pontualidade é uma das minhas maiores falhas — respondeu sorrindo.

— Você quer dizer virtudes.

— Não, defeitos, um dia você entenderá. Por enquanto, prefiro preservar a boa opinião que você tem de mim— ele explicou

fingindo seriedade.

Ela riu e sua risada, assim como sua voz, parecia rouca e sensual, o que levou Diego a concentrar sua atenção para sua acompanhante.

— Você está linda, vamos?

Talvez se seus pés se colocassem em movimento conseguiria que seu cérebro também o fizesse.

Eles desceram de elevador até o estacionamento. O silêncio foi quebrado pelo bipe do carro quando Diego apertou o controle remoto abrindo-o antes de chegar. Gentilmente abriu a porta para Daphne entrar e fechou atrás dela. Uma vez em movimento, Diego baixou a música e forçou a mente, tentando encontrar um tópico de conversa com o qual desviasse sua atenção das pernas da sua acompanhante.

Aparentemente, o desconforto era mútuo porque foi ela quem iniciou a conversa.

—Onde vamos? — P erguntou suavemente.

—A Taverna Casa Iñaki. Você vai gostar —comentou divertido. Daphne tinha zero possibilidade de superar a prova a que submetia as meninas com as quais saía. Estava cansado de mulheres que se matavam de fome para manter a forma. De senhoritas que se

achavam o máximo e não podiam comer em um bar normal, onde a comida não era servida em pratos de porcelana com pequenas porções.

— Eu conheço. Está muito bem — respondeu tão feliz. Diego arregalou os olhos, surpreso com sua resposta.

—Você já esteve lá? — Ele perguntou ainda surpreso.

—Sim, claro. Eles têm uma dobradinha maravilhosa. Foi um dos primeiros lugares que visitei quando comecei a sair em Madri. Embora desde então eu tenha ido várias vezes— explicou como se não fosse nada.

—Ótimo! Estou feliz por ter acertado —se limitou a dizer totalmente surpreso. Daphne era, sem dúvida, como um Kinder ovo, doce por fora e com uma surpresa por dentro. E a ideia de ver o que havia dentro dela chamava sua atenção poderosamente.

Quando eles entraram na taverna, foi o próprio Iñaki que se aproximou para cumprimentá-los, e Diego entendeu que Daphne havia estado lá mais vezes do que confessara, já que o proprietário a cumprimentou carinhosamente pelo nome. Inclusive os sentou em sua melhor mesa, um marco que nunca havia conquistado, apesar de ser um cliente regular.

Diego viu espantado como Daphne não tinha nojo da comida e mergulhava o requintado pão caseiro na dobradinha que era servida ali. Depois de fartos, ainda abriram espaço para a sobremesa. Embora se recusasse a comer pudim de arroz, não fez o mesmo com o creme de ovos trazido pelo garçom, cortesia de Pura, a cozinheira.

Durante a refeição, eles brincaram e conversaram sobre qualquer coisa, Diego descobriu que Daphne era uma mulher simples que estava onde estava, graças ao seu trabalho e esforço, e Daphne conseguiu a resposta para a pergunta que já existia há algum tempo na cabeça.

—Como é que vive em uma área como a nossa? —Pergunto curiosa.

— Minha casa é uma herança. Eu já te disse que minha avó era Amanda Felt —explicou Diego.— É onde eu sempre morei, é por isso que conheço todos os vizinhos. De fato, minha avó era íntima da Sra. Aurora —comentou, então para Daphne acendeu em seguida a luz.

— Então foi você quem pediu à Sra. Aurora que se oferecesse para me manter uma chave reserva —pressentiu.

— Você vê, deformação profissional. Após o segundo incidente, pensei que você precisava de ajuda extra — ele brincou.

— Obrigado, a verdade é que tem sido muito bom em várias ocasiões. A única coisa que eu não te perdoo é que, por sua ideia, tenho minha irmã em casa indefinidamente.

— Nem tanto, parece encantadora — comentou gentilmente.

— Você disse isso, parece — sentenciou. — Eu te perdoo se você me emprestar os dois últimos livros da Coleção de Detetives da Juventude. Nunca consegui obtê-los.

— Considere feito — Diego concedeu rindo da situação.

— Então, você pode se considerar perdoado — ela disse muito seria.

— Você sabe? Ainda estou emocionado que minha avó tenha tantos admiradores. Eu sempre senti que, enquanto Lucas North viver na memória de seus leitores, de alguma forma ela também fará.

— Isso é muito bonito.

Diego riu entre divertido e confuso.

— Você parece surpresa. Meu ego acaba de despencar — ele reclamou sorrindo.

— Já entendi, Sr. Policial. Descobri que seu ego é muito mais forte.

—Em que se baseia para dizer isso? — Daphne tinha acabado de jogar o anzol e ele estava mais do que disposto a morder a isca.

— Para começar... — corou sem poder continuar a frase.

—Diga-me! Você não pode me deixar assim.

— Eu te vi quase nu. Eu sei em primeira mão que seu ego é indestrutível — confessou timidamente.

— Não te entendo.

—Você está procurando elogios?

—Cara, nunca dão errado, sobre tudo se o lança uma menina bonita e sexy.

— Meu Deus, você é muito mais sedutor do que eu imaginava — Daphne riu,— e isso te torna ainda mais perigoso.

Eram três horas da manhã quando voltaram para casa, seis horas depois de se encontrarem na porta de Daphne, e nenhum dos dois conseguia parar de falar. Ela o convidara para jantar no dia seguinte, dessa vez Daphne escolheria o restaurante. Ciente de que nem o local nem a comida escolhida por ele eram comuns em um primeiro encontro, havia decidido que ela tocava a bola e estava disposta a lhe mostrar que, em questões de extravagâncias, ela era

especialista. Na verdade, já tinha pensado inclusive no menu. Ela o levaria à Casa Francisc para comer um caragolà, se ele lhe deu dobradinha, ela lhe daria caracóis. E veria quem testava quem.

Diego havia aceitado sair somente se fosse ele quem dirigia. Depois dos dois contratempos que Daphne havia sofrido durante a noite, concluiu que não conseguia evitar acidentes pelo menos uma vez por dia. E a ideia de deixá-la dirigir não lhe atraía nem um pouco.

—E pode se saber o que tem em mente para amanhã? — Questionou quando inconscientemente estendeu a mão para agarrá-la pelo braço quando ela cambaleou sobre suas sandálias.

— A verdade é que não, você terá que esperar. É uma surpresa — ela disse com um sorriso malicioso nos lábios. Ele teve sorte de que ela gostasse desse tipo de comida e se adaptasse a qualquer ambiente porque, que tipo de encontro ele havia organizado?

Diego ficou parado extasiado com seu sorriso malévolo. Seus lábios rosados o atraíam poderosamente. Sem pensar muito onde eles estavam, ele se jogou para devorar sua boca no elevador que os levava até seu andar. Nem sequer foi capaz de aguentar o tempo suficiente para abrir a porta e deixá-la sair.

Daphne, embora a princípio parecesse surpresa pelo ataque sensual, recuperou-se rapidamente e retribuiu o beijo com o mesmo desejo com que o recebia. Desejando senti-lo, grudou em seu corpo e agarrou seu pescoço enquanto suas línguas se emaranhavam ansiosamente.

Diego a esmagou contra o espelho do elevador enquanto ele a devorava. Daphne era saborosa e viciante, sua boca, a área delicada de sua garganta... Com uma ansiedade pouco contida, ele levou as mãos aos seios que subiam e desciam rapidamente, acompanhados por sua respiração ofegante.

Tremendo com o desejo que corria líquido em suas veias, ele separou o tecido da camisa e afundou os dedos na pele cremosa que escondia o sutiã. O gesto endureceu a pele sensível, que absorveu ansiosamente todas as carícias que ele dedicou a ela. Daphne tinha parado de pensar, só podia sentir o gosto do homem que tinha em seus braços, seu calor e a pressão de seu corpo duro sobre o dela, belo e suave, mas tão ardente e carente.

Os joelhos estavam prestes a dobrar quando o elevador começou a se mover e os levou de volta ao térreo. Diego se separou de Daphne confuso, ainda perdido na névoa vermelha de

seu desejo, enquanto os rostos sorridentes de Chloe e Pablo os cumprimentavam um pouco anestesiados.

— Olá crianças, vim para acompanhar sua irmã e deixá-la sã e salva em casa. Para que veja o bom amigo que sou— Pablo explicou sem perceber o inconveniente de sua chegada.

— Esperamos não ter interrompido nada importante — Chloe disse fingindo inocência.

— Calma, estávamos indo dormir. Venha conosco, para que Pablo não precise se incomodar em acompanhá-la —ofereceu Diego.

—Que boa ideia! —Aceitou encantada.

«Víbora!» pensou Daphne. Ela tinha certeza de que sua irmã sabia perfeitamente o que estavam fazendo, por mais que ela fingisse inocência.

— Sim, dormir — corroborou Daphne atirando faíscas através de seus olhos enquanto assistia Chloe em pé na porta do elevador com cara de menina boazinha.

—Boa noite, Pablo — Chloe se despediu.

—Boa noite. Nos falamos amanhã —seu amigo se despediu alheio ao drama familiar.

—Boa noite.

Daphne não respondeu, estava muito chateada para fazê-lo.

Então os três entraram no elevador, evitando olhar um para o outro e tentando recuperar a compostura após o momento interrompido.

—Boa noite, Diego — Chloe se despediu uma vez fora do elevador, mas sem fazer nenhum movimento que pudesse deixar sua irmã e o vizinho sozinhos novamente. Aparentemente, não entraria até que ela entrasse.

—Boa noite, senhoritas— ele respondeu isso com um sorriso forçado nos lábios.

— Senhora e senhorita — esclareceu Daphne reivindicando vingança, — minha irmã é uma mulher casada — rematou a irmã mais velha.

—Oh! — Diego ficou surpreso. — Bem, boa noite senhora — ele disse, inclinando-se sobre Chloe. — Senhorita —se despediu de Daphne piscando um olho, — até amanhã— abriu a porta e entrou disposto a tomar um banho gelado para abaixar o tesão *interrompido*.

—Por que você disse a ele? — Chloe perguntou assim que sua irmã fechou a porta atrás dela. — Agora ele vai contar para Andrés e acabará antes mesmo que comece.

—Como você pode me interromper no melhor momento da noite? —Daphne a acusou. — Você poderia ter entrado em casa e ter me deixado sozinha com ele ou usado as escadas... Mas não... você teve que intervir.

— Eu fiz isso por você. Estavam prestes a ir para a cama — declarou com convicção.

—E o que há de errado nisso? O sexo é a consequência usual entre duas pessoas que se sentem atraídas. Não seja puritana, Chloe, não combina com você.

— Eu não sou. É só que foi o seu primeiro encontro. Se tivesse deixado você fazer isso, teria uma ideia errada de você e não se interessaria.

—Que ideia? Que quero dormir com ele? Bem, acorde irmãzinha, eu quero dormir com ele —reconheceu em voz alta pela primeira vez.

— Não se trata disso. Acreditará que quer sexo e nada mais — se defendeu.

— Isso é exatamente o que eu quero dele. Sexo e nada mais. Não estou à procura de nenhum relacionamento. Vamos ver se você finalmente entende. Não sou como você, o casamento não me interessa e não tenho tempo para relacionamentos sérios.

— Mas é perfeito para você. Bonito, inteligente, educado. Além disso, ele é moreno e você gosta de morenos, e se falarmos sobre seus olhos cor de mel, que é o que sempre procura nos homens!

— Não irmãzinha, você gosta de morenos, você sabe que eu prefiro ruivos— comentou com raiva.

— Você diz isso porque quase não há homens ruivos. Mas quase todos os seus casos são morenos. Desculpe desapontá-la, mas você não pode me enganar, eu moro com você.

—Sabe, Chloe? Não me lembro, não é como se você fosse uma ótima colega de quarto, e se continuar me infernizando, vou fazer você voltar com a mãe, ou melhor com o seu marido— se era isso que esperava com sua irmã em casa, estava arranjada.

— Não está falando sério, no fundo você me ama.

— Não tente a sorte — ela rosnou enquanto batia a porta do quarto. Por causa de sua irmã intrometida, ela foi dormir sozinha e com a cabeça cheia de imagens das mais sugestivas. Teria que se esforçar muito no café da manhã do dia seguinte se quisesse que a perdoasse. A interrupção daquela noite custaria pelo menos uma porção de panquecas e *cupcakes*.

Capítulo 8

Daphne acordou no sábado de manhã com o cheiro de panquecas no nariz, a irmã havia deixado a porta do quarto entreaberta para que ela sentisse o cheiro. Era sua maneira particular de se desculpar pela interrupção da noite passada.

Se levantou como uma mola quando o cheiro de panquecas foi acompanhado por chocolate fresco.

Com os pés descalços, espiou a cozinha, Thor brincava com sua bola favorita e rosnou quando ela escapou de sua boca, que na maioria das vezes, era grande demais para ele, embora, olhando bem, qualquer brinquedo era grande demais para ele.

— Bom dia pequeno — sua dona cumprimentou.

— Não se ofenda, mas prefiro que você me chame de Chloe. Inclusive te permito irmãzinha... Mas *pequena*... A verdade é que nada me atinge — brincou tentando descobrir o humor em que se levantou sua irmã.

—Que graciosa! Você confundiu sua vocação, em vez de pasteleira, deveria ter sido comediante. Que vai muito mais —

Daphne respondeu, ainda chateada com o episódio da noite passada.

Ignorando a ofensa de sua irmã, ela passou na frente dela com uma bandeja de deliciosas panquecas, causando a reação que procurava, que Daphne a seguisse até a sala de jantar.

— Sente-se e coma, vamos ver se você pode dizer algo agradável mais tarde — Chloe pediu.

Cinco minutos depois e sem dizer uma palavra, já havia engolido três panquecas e a tigela de chocolate. Estava suando como nunca antes, mas sentia-se encantada com a vida. Encorajada pelo açúcar e com um humor melhor, ela se ofereceu para abrir a porta quando tocaram a campainha com insistência; no entanto, ao fazê-lo, ficou paralisada sem saber muito bem como agir ou o que dizer.

Seu queridíssimo cunhado, o mesmo que traíra a irmã durante a lua de mel, estava na frente dela com um sorriso hipócrita na boca mentirosa e traidora. Teve que fazer esforços reais para não chutá-lo onde tinha certeza de que doeria mais:

—O que faz aqui? — Perguntou com um olhar fulminante.

— Sabia que viria correndo a te pedir socorro, quero falar com minha mulher — exigiu ficando arrogante.

— Saia, não há nada aqui para você — respondeu com raiva.

— Não se intrometa, cunhada, ela é minha esposa e vem comigo — ele disse enquanto tentava empurrá-la para o lado e entrar na casa.

— Acho que não — respondeu enquanto ouvia o gritinho de surpresa que Chloe deu quando o viu.

— Por que veio, Angel? Achei que tinha deixado claro antes de partir que não queria voltar a te ver se não fosse na frente de um juiz e para assinar o divórcio.

Daphne se retirou da primeira fila, sem sair, alerta para o caso de precisar intervir para proteger sua irmã. Outro casamento que estava acabando, se ela já sabia que a instituição era arcaica e caduca.

— É óbvio que vim buscar minha esposa. Se você me deixar passar, podemos conversar em silêncio nós dois sozinhos — ele disse, lançando um olhar significativo para Daphne.

— Eu já te disse que não quero saber nada sobre você — Chloe insistiu. — Quero o divórcio! E já de passagem que saia daqui — acrescentou cada vez mais segura de si mesma.

— Não vou facilitar o divórcio. Na verdade, não vamos nos divorciar. Como acha que vai ser para a minha família querer o

divórcio menos de duas semanas de nos casarmos? — E le perguntou com uma veia inchada e latejante no pescoço.

— Esse não é o meu problema, devia ter pensando antes de abaixar a calcinha de Begoña — gritou na cara dele.

— Sabe que não gosto que fale assim — a repreendeu como se tivesse algum direito para fazê-lo.

— É melhor você sair— Daphne interveio que não aguentava mais o desejo de bater em Angel.

— Vou embora quando me der vontade — ele soltou a dois centímetros de seu rosto.

Nesse momento, Diego saiu de casa, pronto para jogar squash com Andrés, quando encontrou as duas irmãs na porta da casa, de pijama e aparentemente brigando com um idiota engravatado e engomadinho que estava parado na frente delas.

—Tem algo errado? — Pergunto preocupado se aproximando delas.

—Nada —respondeu Chloe — Angel já estava saindo.

O referido não teve escolha senão assentir, se quisesse evitar um escândalo, e sem dúvida era isso que ele queria.

Com um olhar ressentido para Chloe e um assassino em Daphne, se despediu com um aceno de cabeça. Não sem antes

informar sua esposa que ele ficaria mais três dias em Madri e que poderia encontrá-lo no hotel Madrid Tower.

Quando o elevador se fechou com ele dentro, as duas mulheres suspiraram aliviadas. Chloe entrou em casa depois de agradecer a Diego por sua ajuda, deixando o casal sozinho como uma espécie de trégua pelo apoio recebido.

Daphne estava tão perturbada que nem reparou que estava de camisola e descalça. Abraçou o corpo para se esconder com os braços e reiterou o agradecimento de sua irmã.

Quando Diego perguntou a razão de seu mal-estar, contou-lhe o que tinha acontecido por cima, sem entrar nos detalhes pelos quais sua irmã havia abandonado seu marido em plena lua de mel. Com um tímido beijo na bochecha se despediram até a noite.

Daphne estava preocupada com o efeito que a visita teria feito em sua irmã, enquanto Diego planejava contar a Andrés que Chloe era casada, já que seu amigo tinha ficado muito impressionado com a garota quando a conheceu no dia anterior.

—Tem certeza de que te disse que era o marido? — Andrés perguntou novamente enquanto batia na bola com todas as suas forças.

— Eu já te disse, Daphne me disse ontem que era casada e hoje encontrei o marido na porta da casa delas. Mas, para você se acalmar, direi que elas não pareciam muito felizes em vê-lo.

—Você acha que eles estão se divorciando? — Ele perguntou esperançosamente.

— Eu diria que sim.

— Portanto, não é tão ruim quanto parece — comentou Andrés menos alterado.

Desde o dia anterior, ele não conseguia parar de pensar na garota de cabelos pretos curtos que o atraía com sua vivacidade e conversa animada. A imagem dela com os saltos alto, camisa e calça do uniforme o atormentou durante toda a noite. De fato, nesses momentos, apenas o exercício lhe permitia continuar com sua vida normal. E foi porque Chloe havia penetrado profundamente desde o momento em que se viram, e é por isso que quando Diego lhe disse que ela era casada, o mundo caiu sobre ele. Desde seu rompimento com Alejandra, não esteve interessado em nenhuma mulher novamente. E já era má sorte que a primeira que realmente o atraísse de muitas maneiras e não apenas na sexual, fosse casada.

Capítulo 9

— Não têm desculpas meninas. Bem, você sim — Pablo aceitou apontando para Daphne. — Você está com o policial novamente — acrescentou levantando uma sobrancelha — mas você vem conosco, ontem eu me diverti muito e quero repetir — disse a Chloe sem lhe dar muitas opções para recusar.

— A verdade é que não sinto vontade de sair hoje — ela reclamou. Após a visita de seu marido, o dia havia desandado.

Tinha certeza de que Diego contaria a Andrés sobre sua dolorosa situação sentimental, e se o fizesse como era lógico entre amigos, perderia a possibilidade de conhecê-lo mais e era a única coisa que pensava desde o momento em que o viu ligeiramente vestido, mas com um sorriso impressionante nos lábios. Um estremecimento percorreu-lhe a espinha ao recordar seu porte com as mãos às costas tentando tapar seu magnífico traseiro enquanto umas algemas lhe seguravam os pulsos.

—Chloe, acorde! —Pablo exigiu— E limpe a baba que você está colocando no chão faltando em sua irmã.

—Isso é muito engraçado!

—Verdade que sim? Essa é outra das minhas muitas virtudes. Venha, vamos— ele anunciou agarrando-a amorosamente pelo braço e gesticulando para que David continuasse.

—Divirtam-se rapazes! —Daphne lhes desejou.

— Claro, não teremos uma noite ardente como a sua, mas teremos um tempo assustador — Piscou para ela e saiu quase arrastando Chloe que estava debatendo entre proteger sua irmã de si mesma ou sair e se desconectar da martirizante visita de Angel.

Daphne agradeceu que, quando Diego bateu na porta de seu apartamento, Pablo, Chloe e David já haviam saído há horas. Enquanto seus amigos estavam lá, fingiu pouco interesse em seu encontro, mas assim que ouviu a porta ser fechada, pulou em seu armário em busca de algo para vestir. Escolheu um conjunto de calcinha preta de La perla, a coisa mais importante da roupa, e finalmente optou pelo preto total, com um vestido tomara que caia que marcava sua cintura em contraste com o balanço da saia.

Depois que as roupas foram decididas, ele correu para o chuveiro. Queria ter tempo para retocar a pedicure e colocar a maquiagem com calma. E, por mais que tentasse não pensar nisso, o encontro a manteve o dia inteiro nas nuvens, nem mesmo seu embaraçoso encontro com o cunhado conseguiu apagar a risada

boba de seus lábios, toda vez que se lembrava do beijo roubado no elevador na noite anterior.

Estava claro que esse homem sabia o que se fazia, "Uai, se sabe!" pensou outra vez com um sorrisinho.

Quando ela abriu a porta do apartamento, encontrou um Diego sorridente e tremendamente atraente. Fechou a porta tão rapidamente, impressionada com o que viu, que esqueceu de pegar a chave. Diego vestia uma camiseta amarela pálida e uns jeans preto que se lhe ajustavam à perfeição à parte de trás de seu corpo, Daphne ficou na porta só para vê-lo passar e contemplá-lo com mais tranquilidade.

Não foi necessário falar sobre cancelar o jantar, ambos haviam esquecido algo além de si mesmos.

— Espero que ninguém saia do elevador, porque não posso passar outra noite como esta — Diego comentou enquanto abria apressadamente a porta de sua casa. Num acordo não verbalizado, ambos aceitaram que era para onde estavam indo.

Daphne estava pendurada em seu pescoço, ansiosa para tocá-lo, sentir o calor de sua pele. *Por que me incomodei tanto e me arrumar se tudo que quero é tirar todas as minhas roupas!* Pensou sorrindo.

—Como você passou a noite? — Perguntou retomando o fio da conversa ao mesmo tempo que passeava os lábios por seu pescoço.

— Não pude pregar olho, ainda bem que pude descarregar com a raquete.

Diego fechou a porta com o pé e a conversa de repente terminou. Daphne puxou sua camisa impaciente para senti-lo, e Diego, ainda mais impaciente, passou os braços atrás dos joelhos e a levou para o quarto. Uma vez lá, ele a deixou novamente no chão, mas ela tentando se levantar, tirou os sapatos e subiu na cama. Quando ele a viu de joelhos na frente dele, quase sofreu um ataque cardíaco, a imagem era a coisa mais erótica que ele já tinha visto.

Apressadamente tirou os sapatos e as calças e se aproximou dela, tão nervoso e excitado que parecia sua primeira vez. A visão acelerou seu pulso e fez seu sangue rugir, clamando por ação. Se deleitou na expressão fascinada com que ela contemplava seu corpo e se aproximou faminto para devorá-la lentamente. Notou que a respiração dela era irregular sem sequer tocá-la, lentamente e sem perder o contato visual avançou os escassos metros que o separavam dela.

Daphne não conseguia desviar o olhar do corpo atlético masculino à sua frente. Seu olhar era calculista e sexy, como se em sua mente estivessem desfilando mil maneiras diferentes de passar a noite. Sem avisar, subiu na cama e atacou seus lábios enquanto deslizava as mãos pelas coxas nuas, desfrutando de todas as carícias que esbanjava e recebia do corpo feminino, a saia do vestido havia subido o suficiente para que Diego pudesse acariciar cada centímetro do seu corpo em chamas.

Empurrou-a suavemente para que se deitasse na cama e ficou olhando-a de cima apoiando seu peso em seus braços.

— Temos um problema — disse misterioso.

—O que?

— Leva muita roupa .

— Estou de acordo — ela aceitou puxar a barra do vestido para tirá-lo pela cabeça, atrás dele desatou-se o sutiã, e com uma atitude sedutora deixou-o cair ao chão.

Dois segundos depois, ela estava usando apenas uma calcinha fio dental que fez Diego secar a garganta.

—Você não acha que estamos indo rápido demais? — Perguntou surpreso por sua rápida aceitação.

— Na verdade, acho que estamos indo muito devagar para o meu gosto. Eu estive pensando em você desde ontem — confessou sem nenhum tipo de pudor.

— Você não parece com ninguém que já conheci.

Daphne tinha uma réplica engenhosa que não chegou a pronunciar, ele se inclinou sobre ela e calou suas palavras com um beijo faminto.

Diego deixou seus lábios e continuou beijando o canto de sua boca, sua bochecha, a garganta e a clavícula. Continuou descendo e levou o mamilo à boca. De Daphne lhe escapou um gemido de prazer.

Enquanto sua boca brincava com os seios, as mãos faziam o mesmo com as coxas e a bunda. Se demorou em seu corpo chupando, lambendo e mordendo e Daphne estava desesperada cada vez mais. Em um ataque de lucidez, ele estendeu a mão para sua boxer para liberar o que ele queria tanto sentir dentro dela.

Um grunhido de surpresa e emoção surgiu da garganta de Diego que parou de beijá-la para olhá-la nos olhos.

— Você não pode esperar, certo?

—Não —confessou.

Ainda não tinha acabado de aceitar a sua impaciência quando ele já lhe tinha tirado o fio dental e puxava as suas cuecas. Literalmente deitando-se em cima dela abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e tirou um preservativo.

Daphne tremeu de antecipação e desejo.

— Eu também não posso esperar. Logo repetimos com mais calma —ele disse.

O sorriso de Daphne era uma luz brilhante na penumbra do quarto.

—Certo.

Diego gentilmente puxou os tornozelos e levou-a até a beira da cama, ajoelhou-se entre as coxas e a possuiu em um único golpe. Tudo o que ele planejou desapareceu de sua mente quando estava dentro dela. A necessidade o absorveu, esqueceu tudo, menos a mulher que estava embaixo dele, e estabeleceu um ritmo vertiginoso que os levaria ao limite.

— Não quero um relacionamento serio — Daphne exclamou tentando falar coerentemente.

— Eu também não, mas você acha que é um bom momento para conversarmos sobre isso?

— Eu queria deixar claro antes de aprofundarmos mais.

— Garanto-lhe que é impossível aprofundar mais — ele murmurou com um último golpe.

O clímax foi tão brutal que ninguém pôde se mover até alguns minutos depois.

— De qualquer forma se for sempre assim, vou morrer muito em breve.

— Isso é um problema?

—Em absoluto! Não reclamo —disse Daphne.— Será uma boa morte.

— Tem toda a razão — Diego admitiu enquanto a atacava com mais calma.

Capítulo 10

Daphne acordou em plena madrugada com a intenção de fugir furtivamente, o problema era que, como bom policial, Diego tinha o sono leve e o ouvido alerta.

—Onde vai a esta hora? — Ele perguntou sonolento, apenas algumas horas atrás eles haviam adormecido.

—Para casa.

—Agora mesmo?

— Pensei que tínhamos concordado que entre nós não havia nada sério — comentou Daphne um pouco mais alterada do que o normal.

— Entendo, e o fato de ficar e dormir comigo acha que é muito sério para nossa relação — Diego arriscou que já estava entendendo para onde estava indo o raciocínio de Daphne.

—Sim.

— Bem, não se preocupe, não é assim.

Ela olhou para ele esperando que ele continuasse com sua explicação, mas Diego deitou-se novamente sem acrescentar mais nada.

—Diego!

Surpreendentemente, ele adormeceu novamente assim que deitou a cabeça no travesseiro.

—O que acontece?! — Ele perguntou desorientado.

— Não terminou de me explicar por que não é má ideia que fiquei para dormir — comentou Daphne cada vez mais exasperada.

Diego sorriu maliciosamente.

— Porque eu acordo com um excelente humor. Por isso Daphne, por que seria, se não, volte a dormir, em algumas horas quero mostrar a você como minhas palavras são verdadeiras.

Daphne ficou em silêncio e deitou-se pensando nas palavras de Diego. Ele, por sua vez, não conseguia mais dormir novamente. Ele nunca quis acordar com a mulher com quem transou na noite anterior, mas com Daphne as coisas mudaram. Ele se dera as mesmas razões que tentara vender a ela, que o sexo da manhã era espetacular, mas enquanto a mentira havia funcionado com ela, ele sabia que havia outra coisa por trás do seu interesse em ficar... Ele se apertou contra a cavidade de suas costas e deixou passar as horas.

Daphne abriu os olhos no escuro e antes mesmo de acordar, seu coração começou a bater rápido. A lembrança de uma promessa

entrou em sua mente obnubilada:

«Eu acordo com um excelente humor».

A voz rouca de Diego soou em sua cabeça com todas as nuances que a levaram, contra seu costume, a baixar suas defesas e dormir com ele.

Se espreguiçando na cama, começou a se mexer, se contorcendo. Se pressionou contra o corpo quente que estava colado nas suas costas e notou o momento exato em que o bom humor de Diego foi ativado..

—Bom dia— ele cumprimentou com uma voz rouca do sono.

— Ainda não, mas promete ser — ela respondeu maliciosamente.

— Chloe, você está louca. Não vai colar. Eu não sei ser um heterossexual normal.

— Por Deus, Pablo, não seja chorão.

— Não sou chorão, é a verdade. Além disso, é impossível que acredite, estive em seu casamento com David e não fomos exatamente discretos.

— Pois fingiremos que somos um trio — Chloe zombou.

— Você está começando a me assustar. Quero que você saiba.

Chloe fez beicinho exasperada com a negatividade de seu amigo que geralmente era mais determinado.

— Pablo, não seja um pássaro de mau agouro. Você me pega pela cintura e finge que sou David. Você verá que tudo vai bem.

— Vou fingir que você é Evelyne quem combina mais em você. O que vai dar certo, será se o seu marido não decidir me usar como saco de pancadas —Pablo queixou-se por se queixar, também não é que ele fosse magro e sem força. Afinal de contas, ambos sabiam que, se bem que Angel fizesse exercício assiduamente, Pablo o superava em estatura e massa muscular.

— E se não funcionar? — Chloe perguntou de repente indecisa.

—Funcionará.

—Quando mudamos de papéis?

— Quando você me forçou a ser um heterossexual normal dominado pela testosterona —respondeu se erguendo.

— Eu gosto do seu novo você.

Pablo levantou uma sobrancelha em uma atitude beligerante.

— Eu não quis dizer que não gostasse do antigo.

— Melhor não dizer mais nada.

Sem acrescentar mais nada, eles entraram no hotel e, depois de perguntar na recepção, o funcionário comunicou Angel, que os convidou a subir.

Não foi necessário que batessem, a porta estava aberta e entraram em silêncio.

— Sabia que viria para mim — se gabou seu marido sem sequer voltar a olhá-la, demasiado preocupado em seu iPhone como para atender a sua mulher.

— Pode ser, mas eu vim com meu amante — a voz lhe tremia ao nomear a última palavra.

A reação de Angel foi instantânea. Ele deixou cair o celular na cama e virou-se para encarar sua esposa.

—Amante? Pablo é seu amante? Mas se ele é gay.

— Na verdade, sou bissexual e agora estou com Chloe. Nós gostamos de trios— ele disse nervoso.

Chloe lançou um olhar fulminante para seu amigo, que parecia realmente impressionado.

—Vagabunda! — Anjo espetou ante o que acabava de ouvir.

—Quem, você ou minha namorada? — Pablo perguntou recuperando a compostura. — Porque se afinal gosta de ser o

terceiro em discórdia, talvez Chloe e eu tenhamos uma vaga para você, certo querida?

— Melhor não, amor. É um amante péssimo e além disso tem pelanca.

— Bem, não, por aí não passo — Pablo reclamou, destacando sua veia exagerada.

Chloe lançou-lhe um olhar significativo, para que recuperasse seu novo eu.

— Resumindo Angel, você tem uma amante, eu tenho um amante. De maneira que este casamento é absurdo. Não me importa o que diga a sua mãe, o que quero é o divórcio.

—Não vou te dar o divórcio!

— Sim você vai.

— Pode apostar que não — as palavras foram cuspidas com ódio.

— Pode apostar que sim. Se não me der o divórcio direi a sua mãe e a todo aquele que queira escutar, que a razão pela que quis me separar de você foi porque te encontrei na cama com Pablo.

— Mas menina, não disse que não é bom amante? — Reclamou seu amigo.

—Pablo!

— Ok, bem, eu transei com você, Angel. E o que você quer que eu lhe conte? Não que eu tenha me divertido...

—Está louca!

— Talvez, mas como acha que a bruxa intolerante da tua mãe se sentirá sabendo que dorme com homens?

— E que além disso é incapaz de lhes agradar —Pablo concluiu.

— E por que minha mãe deveria acreditar em você?

— Essa é a melhor parte. Temos fotografias! Aqui meu amigo é um ás do *Photoshop*, são tão bem feitas que ninguém vai perceber que são uma montagem. E, além disso, há a recepcionista que tão amavelmente nos convidou a subir até seu quarto. Certamente é capaz de repeti-lo diante de um juiz.

—Vagabunda!

— Isso já disse, e a verdade carinho, pode ser que tenha razão, porque estar com meu amante me traz mais prazer que estar com meu marido.

— Você vai se arrepender disso — e ele a ameaçou com olhos brilhantes de raiva.

— Não acredito. O que eu lamento é ter casado com você.

— Certamente porque é um amante lamentável — Pablo disse pegando Chloe pela cintura e tirando-a de lá. — Nosso advogado

entrará em contato com você.

Capítulo 11

—Sabe, Pablo? Estive pensando que talvez devêssemos aceitar o trabalho para Konnim. Poderia ser interessante.

—Agora você quer ir ao Japão? Mas se me disse que não estava com vontade de viajar, queria trabalhar alguns meses em casa.

— Bem, mudei de ideia. Agora eu quero sair e ver o mundo. Mas se não puder mais ser o Konnim, diga sim para Redline e pronto.

—Londres? Londres é sua ideia de ver o mundo? Você sabe de cor.

—Por que diabos está tão suscetível? Redline tem sua sede em Londres, e isso não é culpa minha —se defendeu.

—Eu sou suscetível? Você é quem é suscetível. E o mais intrigante de tudo é que, de repente, você deseja deixar o país a todo custo. Alguns dias atrás, me pediu uma pausa, agora não quer mais... Por que você não vai a Valência para ver sua mãe? Pelo menos me diga por que você tem que encontrar um destino fora da Espanha. O que diabos há de errado com você?

— Não tenho nada.

— Essa resposta não me ajuda. Diga-me a verdade.

— Insinua que eu minto — Daphne estava procurando uma saída para evitar explicar.

—Não o faz?

—Não.

— Se você diz — Pablo aceitou. Conhecia demasiado a sua amiga para saber que, até que não lhe tivesse dado umas cem mil voltas à ideia que lhe preocupava, não ia dizer nada a respeito.

— Eu digo.

Pablo passou as mãos pelo cabelo. Cada vez mais convencido de que Daphne estava preocupada com algo que tinha a ver com o vizinho policial. Desejou que não se tratasse do mesmo mal que havia afligido a Chloe e que Diego, diferente de Ángel fosse bom nas coisas... importantes.

—Pode-se saber por que estamos discutindo sobre trabalho um domingo à tarde? Onde está seu policial? — Perguntou disposto a descartar sua hipótese de que o culpado da irritabilidade de Daphne fosse Diego.

— Não é meu policial.

«Bingo!» Pablo se felicitou mentalmente.

— Isso explica o seu mau humor — zombou.

Daphne ignorou o comentário, pegou o iPod e se preparou para ouvir música enquanto limpava e preparava as fotografias para o calendário. A conversa de seu amigo era muito irritante para o humor de cachorro que tinha naquele momento.

Pressionou o play e começou a tocar a primeira faixa com The Killers, *Here with me*. Ia passá-la para pôr algo mais agitado, quando uma estrofe atraiu sua atenção...

You showed me your smile and my cares were gone

(Você me mostrou seu sorriso e minhas preocupações se foram)

Falling in love filled my soul with fright

(Apaixonar-se encheu minha alma de pavor)

You said «come on babe, it'll be alright»

(Você disse "vamos querida, vai ficar tudo bem»)

Must have been a fool till the bitter end

(Devo ter sido um tolo até o amargo fim)

Now I hold on to hope that I'll have you back again

(Agora eu espero que eu tenha você de volta novamente)

I'd bargain and I'd fight

(Eu negociava e lutava)

But there's another world you're living in tonight.

(Mas há outro mundo em que você está vivendo hoje à noite)

— Não sei o que está ouvindo, mas deve ser muito ruim, só isso justificaria a cara de horror que tem agora mesmo.

— Não diga mais besteiras, que desde que nos sentamos você não parou de dizê-las — pediu levantando-se da poltrona e saindo do escritório.

Tinha sido má ideia trabalhar nas fotos do calendário solidário, não podia se concentrar enquanto ainda sentia o corpo de Diego colado em suas costas. E cada imagem das que havia tomado lhe trazia à mente cada uma das carícias que haviam compartilhado apenas poucas horas antes.

Chloe estava dividida entre nervosismo e euforia, sem decidir sobre nenhum deles. Depois do número que ela e Pablo haviam estrelado naquela mesma manhã no hotel do marido, Angel finalmente concordou em se divorciar. Ela ainda não havia chegado à casa de sua irmã quando Angel já estava ligando para o celular para esclarecer sua posição. Por quase uma hora eles tiveram uma conversa que poderia ser categorizada como qualquer coisa, menos amigável. Após várias ameaças de Chloe e algum pedido de Angel, que acessara sem consultar a parte interessada, Daphne. Seu

marido tinha desistido e concordou em pedir um divórcio rápido e indolor. O que não estava tão claro seria se chegasse a ser uma mulher divorciada, ou se Angel ficaria viúvo quando sua irmã a assassinasse ao descobrir o que Chloe a havia prometido fazer.

«Isso deve ser comemorado!» disse a si mesmo, se levantando para pegar um dos deliciosos cupcakes que tinha assado para relaxar. Estava voltando para o sofá para continuar vendo a TV idiota, sua irmã e Pablo estavam trancados no escritório e David ainda estava dormindo, então nem tinha comido com eles, quando viu o livro que havia comprado no mesmo dia em que chegou a Madrid para se estabelecer com sua irmã mais velha. Tinha ele para se divertir enquanto esperava Daphne aparecer e abrir a porta, Chloe não contava com uma mulher idosa para lhe dar a chave e convidá-la para o café da manhã em sua própria casa, atualizando-a com as fofocas mais citadas. Sentando, tirou os sapatos e sentou-se sobre as pernas no tapete, desligou a televisão e abriu o livro na primeira página. Enquanto a primeira coisa que chamou sua atenção na livraria foi a capa, a sinopse foi a menos estimulante.

Pablo entrou na sala com uma cara triste.

— Sua irmã está com um humor lamentável. O que você está lendo? E por que está tão vermelha? — Ele perguntou sem dar

tempo a Chloe para responder.

— Por nada, estamos no verão e faz calor.

—Oh meu Deus! Você está lendo o que eu acho que você está lendo?

— Isso parece, porque você acabou de ficar histérico — zombou afastando o olhar do livro.

—E como é? — Perguntou Pablo sentando-se ao seu lado no tapete.

—Humm, interessante.

Incapaz de esperar que a amiga se explicasse melhor, arrancou-o das mãos e começou a folheá-lo. Chloe olhou para ele exasperada, mas ele nem percebeu, concentrado no que estava lendo.

— Isso é ótimo. Deixe comigo, eu quero ler.

— Terá que esperar eu terminar. E talvez se você sair e me deixar em paz, faço isso rapidamente e tudo.

— Nem sonhe. Me arrume um lugar que fico com você — pediu com autoridade.

— Não suporto que leiam por cima de meu ombro — queixou-se. Adeus tranquilidade.

— Me deve. Por você, arrisquei meu lindo rosto esta manhã. Que rápido você esquece meus sacrifícios! — Ele murmurou teatralmente.

Chloe conhecendo a veia dramática de seu amigo aceitou rapidamente. Não fosse que lhe desse por prolongar a conversa quando o que ela queria era seguir com a leitura.

Duas horas depois, Daphne atravessou a sala a caminho da cozinha e ficou paralisada pela imagem que encontrou: deitada de qualquer jeito no tapete, sua irmã e seu melhor amigo compartilhavam um livro.

—Deus! Pela sua cara de culpado, deduzo que você está planejando meu assassinato. O que é, o Príncipe de Maquiavel? — Perguntou rindo.

— Não seja vaidosa, seu assassinato não nos alteraria tanto. E o príncipe não nos deixaria tão entusiasmados, o que você quer que eu diga, somos republicanos. E posições para escolher, preferimos empreendedores — Pablo explicou sem levantar os olhos do livro.

— É bom saber. A propósito, amanhã vamos a Londres, não faça planos para as próximas duas semanas.

Capítulo 12

Duas semanas após a breve despedida que havia compartilhado com Diego antes de partir para sua viagem apressada, ela o encontrou novamente no patamar.

Seu sorriso foi imediato.

—Você já voltou? Como estava Londres? — Ele perguntou se inclinando para beijá-la suavemente nos lábios.

— Maravilhoso como sempre. E por aqui?

— Chato como sempre.

Daphne sorriu, como estava bonito e o quanto sentia falta de vê-lo.

Na segunda-feira após sua consulta, ficou em casa com a mala na porta, para lhe dizer que tinha que viajar a trabalho e desaparecer três minutos depois. Diego teve tempo suficiente para beijá-la de uma maneira que a fez tremer as pernas por horas e que a lembrança não havia sido apagada desde então.

A verdade é que ela passara os dias pensando nele, nem sequer piscara quando se deparara com Daniel Stapleford, o colega britânico com quem sempre acabava na cama toda vez que se

encontravam. Daniel era como todos os homens com quem ela sempre se relacionara, totalmente inapropriado. E não apenas porque ele era um homem atraente e mulherengo, mas porque ele também se gabava disso. Aos quarenta e cinco anos confessados, Sir Daniel Stapleford, título com o qual foi investido pela própria rainha Elizabeth, ainda colecionava entalhes em seu revólver ou, neste caso, na cabeceira da cama. As mulheres eram o hobby que mais tempo lhe havia durado. De fato, era o único que conservava desde a adolescência.

As palavras de Diego a trouxeram de volta à realidade de uma só vez.

— Janta comigo no sábado. Prometo que a levarei a um lugar mais bonito que a taberna Casa Iñaki — disse sem desviar o olhar dos seus olhos.

— Melhor me prometer que chegaremos ao restaurante e eu aceito.

— Você acabou de partir meu coração —ele reclamou rindo. Ao encontrá-la novamente depois de duas semanas tinha alegrado seu dia e o que restava da semana, não queria analisar a sensação, melhor em outro momento, agora queria espremer ao máximo o que era tê-la novamente.

— Então me permita que arrume isso para você — e ela pediu flertando e se jogou nos braços dele, procurando sua boca ansiosamente. Diego abaixou a cabeça para recebê-la, nem mesmo ficar na ponta dos pés teria conseguido se aproximar além de seu peito.

Diego rosnou na boca feminina, Daphne estava deliciosa e seu corpo pequeno e firme se adaptava ao dele com uma facilidade que o deixava louco de desejo. Ele sentiu as mãos pequenas puxando o cabelo para mais perto da boca. Em um flagrante de ousadia que lhe arrancou um gemido de surpresa, Daphne ergueu uma perna e a envolveu em seu quadril, conseguindo que sua mente deixasse de trabalhar corretamente. Só um letreiro de néon com a palavra perigo, se acendia e se apagava em seu sonolento senso comum.

—Seu coração está melhor? — Daphne ronronou quando o beijo terminou.

— Para dizer a verdade, você piorou, olha — ele disse pegando sua mão e aproximando-a do peito para que ela pudesse sentir seu batimento cardíaco acelerado.

— Pobrezinho. Parece que o remédio que lhe dei não foi o adequado.

— Pelo contrário, querida. O problema é que você não administrou a dose necessária.

— Receio que tenha que esperar até sábado para recebê-lo. Tenho muitas coisas para fazer.

—Quão cruel você é com um pobre doente! —Se queixou fazendo piada.

— Cruel não, ocupada. Mas diga ao seu coração que prometo compensá-lo pela espera. Quantas vezes forem necessária até que consiga que me perdoe.

Diego abriu os olhos desmesuradamente fingindo se sentir escandalizado.

—Sabe? Tenho certeza de que aceitará sua oferta sem duvidar.

— Foi o que eu pensei.

E depois de dizer isso, lhe piscou enquanto ria e jogava um beijo com a mão.

Daphne estava deslizando com tanta elegância que era impensável que ela fosse a mesma mulher que momentos antes estava prestes a quebrar o crânio quando viu a modelo a quem tinha que fazer o ensaio fotográfico.

Graças a sua amada irmã, que a usara como moeda de troca em seu divórcio, ela agora tinha que perder seu valioso tempo

fotografando uma aspirante à modelo com menos graça que uma vassoura e que, se isso lhe interessasse, era sobrinha de quem logo seria seu ex-cunhado.

— Não poderia negar — Chloe reclamou quando lhe havia recriminado.

—E porque não? Posso saber.

— Fiquei com pena.

—O que?! Ele te enganou na lua de mel, você está louca? — Retrucou Daphne.

— Disse que assim compensaria a sua mãe, que quer que sua neta faça carreira de modelo —Chloe esclareceu.— Que era a melhor maneira de não atrapalhar e tentar consertar nosso casamento.

— Você é burra. Te enganou e você nem percebeu.

— Não é isso. Simplesmente é que assim será tudo mais fácil. Em poucas semanas voltarei a ser livre e agora mesmo isso é o único que desejo. Para me ajudar só te peço que faça o que mais gosta no mundo, tirar fotografias. Por favor, maninha, diz que sim — implorou com um rosto aflito.

— No final, a burra sou eu — Daphne murmurou para si mesma.
— Está bem, farei. Mas você pode me compensar com quilos e

quilos de cupcakes.

— Os que você quiser, Daf. Seus desejos são ordens para mim.

O suspiro cansado de Pablo a trouxe de volta à realidade. Seu amigo não é que fosse uma pessoa precisamente paciente ou compreensiva com estupidez, e Arantxa, a aspirante a modelo, não era um diamante bruto. Em qualquer caso, era o bruto sem o diamante. A pobre mulher não conseguiu se mover graciosamente ou sorrir provocativamente para a câmera.

Daphne sorriu para si mesmo quando viu os esforços de Pablo para não fugir do estúdio.

—Você poderia me explicar por que está de bom humor?— Ele disse levantando a voz para ser ouvido acima da música de Rihanna e sua *We found love*, que animava a sessão de fotos.

—Por que eu não estaria?

— Porque esta garota é tão arrítmica que nem sequer é capaz de se mover com graça quando soa esse pedaço de diva que é Rihanna.

— A coitada não tem culpa — Chloe a defendeu. — Você sabe que ninguém na família de Angel se move bem —explicou.

— Deixe-me ver se entendi. Você está dizendo que ninguém da família do seu marido sabe se mover? — Pablo repetiu atônito.

— Quase ex-marido Graças a Daphne. Mas sim, eles não têm muito ritmo.

— Então, como diabos conseguiram ser tantos? De verdade que não entendo, se não tem graça não se faz. Fazê-lo por fazê-lo não tem nem pés nem cabeça.

—Mas que estúpido! — Repreendeu Chloe. — Além disso, eu que sei se eles fazem isso certo ou errado. Eu quis dizer a dança.

— Vamos ver, bonita, para deixar claro. Quem não sabe mexer os quadris sozinho dificilmente saberá como fazer isso acompanhado. É melhor encontrar um parceiro que dance bem, eu sei por experiência própria.

— Faz sentido — concedeu Chloe.

— Tudo o que digo sempre faz sentido. Me ofende que pareça surpresa.

— Na verdade, eu estava lembrando como David dançou no meu casamento, e talvez siga seu conselho — comentou fingindo inocência.

Pablo se aprumou imediatamente como sua amiga esperava.

— Nem pense em se aproximar dele, é meu e além disso não é seu tipo.

— Isso é o que você pensa, que outro dia... Ups — cobriu a boca como se tivesse falado além da conta, piscou o olho para a irmã e saiu sem olhar para o amigo.

—Espera, Chloe! — E le a chamou indo atrás dela — o que você quis dizer?

Daphne não aguentou mais o riso, ela explodiu quando olhou para trás através das lentes de sua câmera e pensou que estava cercada por tolos, a primeira ela mesma.

Capítulo 13

Pablo abriu os olhos exageradamente, e sem nenhum tipo de dissimulação virou sobre seus passos e voltou a passar diante do carro que estava estacionado ao lado do hipermercado que havia em frente à casa de sua amiga Daphne. Uma vez que verificou que ele não estava errado em sua primeira olhada, se inclinou para a janela do motorista e chamou suavemente.

Escutou o ronronar do motor do carro e em seguida, o zumbido da janela ao abrir.

— Oi tudo bem? —Perguntou com naturalidade.

—Oi, Pablo.

—É Andrés, certo? Sou um desastre com os nomes.

—Sim— o pobre garoto ficou tão perplexo com a reação de Pablo que não conseguiu juntar mais de duas palavras.

— Me espere um instante, Andrés, já venho, que você e eu temos que falar.

E tendo dito isso, se virou e seguiu para a Starbucks mais próxima, onde pegou um café americano, um Macchiato de

Caramelo e dois Muffins. Seria sua primeira vigilância e ele planejava fazer isso como nos filmes.

Ao vê-lo chegar tão carregado, Andrés abriu a porta do passageiro para que entrasse.

— Tome Andrés. Este café americano é para você que tem cara de precisar de um café aguado. Desculpe, mas no momento a cafeína é vetada para você.

—Obrigada, Pablo — aceitou sorrindo. Sem dúvida o amigo de Chloe era todo um personagem, pensou. Nem sequer havia se alterado ao vê-lo vigiar a casa de suas amigas.

— Não me agradeça pelo café, cara. Guarde-os para o que vou lhe dizer agora que é muito mais interessante. Afinal, eu trouxe um café aguado.

— Na verdade te agradeço por não me dar um soco e me denunciar como um perseguidor — Andrés disse antes de tomar um gole de café.

—Gosto cada vez mais de você Andrés! Na verdade, você vai jantar conosco hoje à noite, mas agora cale a boca e ouça o que precisa fazer.

Duas horas depois, Pablo e Chloe devoraram as últimas páginas restantes do livro que haviam comprado em sociedade na mesma

quarta-feira em que retornaram de Londres. Desde que descobriram o gênero, devoraram juntos quase tudo o que havia sido publicado até o momento e elucidaram o que aconteceria com as sagas nas quais precisavam esperar que o seguinte fosse publicado.

— Hoje à noite eu quero jantar em casa, há algo que eu gostaria de comemorar e não me pergunte por que, não vou dizer nada — comentou depois de fechar o livro.

— Nada de nada?

— Não, e não me tente que eu conheço você.

— Ok, serei boazinha — aceitou Chloe.

— Boazinha não, tem que ser muito boa porque preciso que você cozinhe.

— Claro. Já pensou no menu? Quantas pessoas seremos? — Perguntou profissionalmente.

— Seremos seis. E em relação ao menu, escolhido o que se diz escolhido, não exatamente. A única coisa que quero é que seja afrodisíaco — e depois de dar tal notícia, ele se virou e foi ao escritório para continuar com sua agenda do dia.

Cinco minutos depois reaparecia com Daphne lhe seguindo com cara de se encontrar muito, muito mal.

— Querida, no final teremos oito e não seis — disse com o ar dramático que tanto gostava.

—Por quê? Quem se juntou no último minuto?

—Sua mãe está a caminho. Não é ótimo?

As duas irmãs lançaram-lhe o mesmo olhar.

—Como soube do divórcio? Eu não lhe disse e vocês também não, certo?

Os dois negaram com a cabeça.

—Deus! Agora ele vai me acusar de esconder isso. E eu só queria um pouco mais de tempo para ela não ficar histérica.

— Prepare-se porque ela tem sido muito comedida por telefone — Daphne explicou. Que sua mãe se comportasse normalmente só poderia significar uma coisa: que a tempestade estava prestes a explodir.

— Bem, olhe para o lado bom, ela não ficará nesta casa nos dias em que estiver em Madri.

—E isso por quê? — Perguntou Chloe sentida.

— Ela tem um novo namorado, vem com ele — sua irmã respondeu.

— Pablo, você terá que suspender o seu jantar. Eu sou incapaz de cozinhar qualquer coisa comestível agora.

— Nada disso gracinha. Tome um *valium* ou o que for preciso, mas o jantar tem que ser um sucesso estrondoso — exigiu girando sobre seus calcanhares e abandonando o lugar minado.

Todo o estresse que as irmãs Llorenç haviam sofrido havia sido suspenso por mais um tempo. Candela Alfaro, ex-sra. Llorenç, telefonara para contar às filhas e a Pablo que não iria ao jantar oferecido por ele.

Depois das quase quatro horas da viagem de Valência a Madri, ela e seu companheiro consideraram mais acertado ficar no hotel e jantar qualquer coisa leve lá. Enquanto Daphne estava consternada —por telefone— porque sua mãe não veio jantar, por dentro ela estava dançando o *Gangnam Style*.

Pelo menos até agora, estavam a salvo dos comentários mordazes da mãe. Daphne estava convencida de que ia culpá-la do divórcio de sua irmã, como se a culpa de sua total avidez pelo matrimônio não fosse à consequência direta de ter sido educada por uma mulher que acabava quase todos seus discursos, fossem do assunto que fossem, com a muleta: «A culpa é do seu pai por nos abandonar». Por outro lado, com os antecedentes de sua mãe, Daphne não tinha certeza se era uma boa ideia saber o verdadeiro motivo do divórcio de sua irmã. Consequentemente, as duas irmãs

acabavam calando a boca e segurando a tempestade que Candela teria preparado.

Daphne ergueu os ombros e abriu o armário, ela se preocuparia depois em como lidar com a mãe, pois agora tinha outras coisas em que pensar, como, por exemplo, o que Pablo estava planejando para organizar um jantar tão repentino? E quem eram os dois convidados misteriosos cujos nomes ele não queria revelar? Uma ideia começou a pairar em sua mente. Não... Pablo era seu melhor amigo. Ele não ousaria.

Capítulo 14

Daphne entrou na casa de Pablo sozinha, a irmã já tinha saído há horas para acabar de fazer o jantar. Tinha adiantado em sua própria casa as entradas que seriam servidas frias, mas o cordeiro tinha que prepará-lo na casa de Pablo para que estivesse em seu ponto. A notícia de que sua mãe não apareceria naquela noite havia acalmado o espírito de todos os envolvidos. Até o anfitrião parecia mais calmo e menos irritante do que o habitual, quando Daphne finalmente desligou e o informou da novidade: que sua mãe gentilmente recusou o convite.

David abriu a porta com seu sorriso perfeito e olhos brilhantes por alguma emoção que ela não sabia decifrar.

— Estamos todos aqui— anunciou se inclinando sobre sua amiga para beijar-lhe as bochechas.

— Sou a mais atrasada.

— De jeito nenhum, você chegou no horário. É que Pablo os fez vir antes, para que eles... ajudassem a pôr a mesa — ele disse improvisando uma resposta.

— Claro, e tinha medo de que eu quebrasse alguma taça se lhes oferecesse minha ajuda— ela brincou.

— Eu não saberia lhe dizer, mas é possível que tenha sido por isso que foi a última a chegar. Você sabe o quanto Pablo ama o cristal Bohemia— ele seguiu a piada.

Rindo, eles entraram na sala, como David havia dito, a mesa estava perfeitamente arrumada e os convidados conversavam animadamente entre si. Daphne notou que sua irmã estava conversando com um rapaz moreno elegantemente vestido com uma calça chinesa e uma camiseta preta que combinava com seu bíceps bronzeado. Sem querer, seu olhar varreu seus ombros largos, seus braços musculosos e a firmeza de sua bunda.

A voz de Pablo a forçou a parar de olhar, com relutância, diga-se de passagem, se virou para cumprimentar seu amigo.

— Estamos todos aqui — anunciou olhando para ela.

Os presentes se voltaram para o anfitrião, incluindo o rapaz que estava conversando com Chloe que fixou seus olhos dourados nela. Daphne engasgou com a própria saliva, algo que acontecia toda vez que ficava nervosa. Um segundo depois, David colocou uma taça de vinho branco na sua mão. Ela agradeceu entre tosses e tomou um

gole. O líquido acalmou o desconforto de sua garganta. No entanto, não fez o mesmo com sua preocupação.

Ela estava prestes a deixar a taça na mesa e desviar os olhos de Pablo intrometido, pois convidar Diego e Andrés era sua maneira de forçá-la a ficar ao seu lado, quando seu amigo decidiu salvar sua pele fazendo um anúncio que deixava todos eles com a boca aberta.

Diego, em uma manobra própria de Aníbal, se colocou ao seu lado e gentilmente pegou sua mão. Daphne sentiu uma onda de prazer em cada terminação nervosa.

— Agora que estamos todos aqui, lhes direi que a razão pela qual os convidamos para jantar hoje à noite em nossa casa é anunciar que David e eu vamos nos casar.

—Parabéns! —felicitaram Diego e André quase em uníssono. Aproximando-se com um sorriso para cumprimentá-los e abraçá-los. Só se conheciam há alguns dias, mas era impossível passar meia hora com Pablo e não acabar lhe adorando.

As garotas, ao contrário, continuavam sem emitir uma palavra. Razão pela qual Pablo continuou com a segunda parte de seu discurso.

— David e eu nos casaremos e decidimos que vocês seriam nossas madrinhas — anunciou com a voz mais grave do que o

normal.

O suspiro sufocado de Chloe quebrou o silêncio que havia se instalado no corredor, esperando que Daphne e Chloe finalmente se pronunciassem.

— Se você chorar, retiro a oferta — ameaçou pois dificilmente poderia conter a emoção.

—Ok, não vou chorar—Chloe aceitou.

Daphne por sua vez continuava com a boca entreaberta, desconcertada e feliz por seu amigo, debatendo-se entre seus fossilizados preconceitos sobre o matrimônio e o amor que sentia por seu fiel companheiro de andanças.

Certamente Pablo sabia como acalmar sua ira, isso tinha que reconhecê-lo, pensou tentando acalmar seus nervos. Uma ideia veio a sua mente e a fez sorrir com astúcia:

— Serei sua madrinha, apenas se você não me pedir para fazer sessão de fotos do casamento — disse emocionada.

— Não estou tão louco para te pedir isso — ele disse correndo para abraçá-la.

— Eu te amo, Pablito.

—Eu sei. E você sabe que também te amo.

—Sim.

O choro emocionado de Chloe fez os dois se virarem.

— Venha aqui, tolinha. Também te amamos. Especialmente quando você faz aqueles cupcakes que tanto gostamos.

Os três se abraçaram entre choro e riso.

O jantar transcorreu, enquanto os planos de casamento de Pablo e David e os deliciosos pratos que Chloe havia preparado para a ocasião se tornaram o assunto da conversa.

Daphne se levantou, contra seu costume de transportar objetos delicados, para encontrar Pablo na cozinha e crivá-lo com perguntas, quando decidiu se casar? E por quê? Nenhuma das respostas sonhadoras de seu amigo a satisfazia o suficiente para convencê-la de que o casamento era uma boa opção.

Só a cozinheira e Pablo sabiam que o menu era de alto risco. O cordeiro estava temperado com ervas que eram consideradas estimulantes do apetite sexual e a sobremesa, cujo ingrediente principal era a canela, além de deixar o prato requintado, cumpria com o mesmo objetivo.

Daphne esqueceu os planos de assassinato que havia feito para seu amigo assim que Diego se aproximou dela e a beijou docemente. A parte racional que a colocava em alerta parou de funcionar quando Diego a tocou.

A súbita viagem a Londres tinha um único objetivo, colocar espaço entre ela e o que estava começando a sentir por ele, um homem que não era como todos os outros com quem havia se relacionado anteriormente, não era um mulherengo consumado ou um gângster que vivia do seu rendimento, era um homem interessante que poderia terminar de minar suas defesas se pretendesse.

Diego, por sua vez, concentrara toda sua atenção na comida, tentando afastar de seus sentidos o perfume inebriante que emanava do corpo feminino que tanto ansiava e conhecia tão bem. Ele era bem versado em mulheres para entender que, se pressionasse Daphne, fugiria dele, algo que não estava disposto a permitir. Gostava da fotógrafa, era verdade que a princípio ela havia resistido em aceitar o quanto lhe atraía, mas as coisas haviam mudado. Passou as duas semanas em que esteve fora, sem conseguir tirá-la da cabeça, imaginando a cada minuto o que estaria fazendo, com quem... Ele não estava mais disposto a passar por isso, quando voltasse a viajar a trabalho, queria ter o direito de chamá-la por telefone, para perguntar como estava. Em resumo, fazer parte da sua vida.

De alguma forma, seu medo se dissipou. Ele não tinha planejado se apaixonar, de fato, era a última coisa que ele queria que acontecesse. No entanto, tinha acontecido e agora só tinha que enfrentá-lo e lutar para ela aceitar o que sentia por ele. O que ele havia mostrado na última vez em que estiveram juntos, antes de sua viagem a Londres, quando permitiu que ele entrasse em sua vida e até confiasse nele, ficando a noite toda como ele havia pedido.

Como bom estrategista que era, havia elaborado um plano para levá-la ao seu território e que Daphne poderia ir, pouco a pouco, libertando-se de sua relutância em relacionamentos. E se para conseguir, ele tinha que fazer amor com ela todas as manhãs, que diabos! Estava mais do que disposto a fazer um sacrifício.

— Por que você não fica comigo esta noite? Amanhã não trabalho — Diego pediu enquanto olhava para ela. Alheio à atenção que sua conversa despertou em outros convidados.

— A noite toda? — Daphne baixou os olhos para o prato, para que Diego não visse o desejo que a dominava.

— Você já sabe o quão eficiente eu sou de manhã. O mais agradável seria que ficasse...

— É verdade, por isso é impossível recusar — aceitou levantando o olhar e fixando-o nos olhos dourados que prometiam

tanto.

Diego ficou surpreso com a eficácia de suas palavras. Sem dúvida, Daphne era a mulher mais complexa e interessante que ele já havia encontrado.

Quando todos saíram, cada uma de suas meninas acompanhada por um homem bonito e protetor, Pablo ficou encantado com o resultado do jantar, os convidados desfrutaram e ele conseguiu o que queria, compartilhando sua felicidade com os amigos, e dar-lhes o pequeno empurrão que precisavam para encontrar a sua própria.

Sorriu e se deixou cair sobre o ombro de seu menino.

— Você parece muito satisfeito consigo mesmo — David murmurou.

— Eu estou. Mas poderia estar mais...

—De verdade?

—Sim— sussurrou se lançando para devorar os grossos lábios dele.

Pablo sentiu a língua invasora em sua boca, invadindo e conquistando cada canto dela. Movido por seu desejo, ele colocou as mãos na nuca de David e puxou os cabelos sem olhar para ele, puxando-o para mais perto, desesperado para fundir pele com pele.

Bebeu o gemido que escapou dos lábios de David e que inflamava, ainda mais o sangue.

Ele sabia que finalmente havia terminado sua busca. Já havia encontrado o que o mantinha acordado muitas noites, a pessoa que, além do sexo que tinha, conseguiu fazê-lo se sentir completo.

Chloe estava com os nervos à flor da pele, Andrés era muito cavalheiresco para o que ela precisava naquele momento. Eles estavam bebendo em um dos locais da moda da cidade e nem sequer tocara em seu braço. Enquanto ele estava atento ao que ela estava dizendo, ele não estava muito atento aos sinais de luz que lhe enviava dizendo «Estou disponível, gosto de você! Me beije!»

Como último recurso, avançou sobre ele, fingindo que não ouvia o que estava dizendo por causa da música. Ela percebeu o momento exato em que Andrés ficou em alerta. Todos os músculos tensos, confusa com a reação dele, se afastou dele como se estivesse queimando.

— Será melhor voltar para casa —pediu desanimada— amanhã eu tenho que cozinhar e, portanto, acordar cedo.

—Claro.

A viagem de volta foi feita em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Andrés estacionou na porta de sua casa e se

dispôs a descer com ela.

— Não há necessidade de me acompanhar.

— Claro que é necessário — Andrés disse resolvendo o problema.

Chloe nem sequer olhou para ele, a vergonha manchou seu rosto, como ela poderia estar tão errada sobre ele? Tinha certeza de que tinha gostado dela.

Virou-se para se despedir em frente ao elevador, era pouco provável que insistisse em acompanhá-la até a mesma porta, quando se encontrou chocando com o forte peitoral masculino. Andrés estendeu os braços para que não caísse e de repente se viu rodeada de puro músculo.

Esquecendo suas boas intenções, Andrés abaixou a cabeça e cobriu a boca de Chloe com a sua. Uma punhalada de culpa chicoteava com força seu peito, ele não estava trapaceando, e sim ele foi enganado. Ele pretendia esperar Chloe até que ela fosse uma mulher devidamente livre, mas era impossível estar com ela sem que seus dedos doessem pela vontade de tocá-la.

Ciente de que o que ele estava fazendo era errado, ele aprofundou o beijo e enredou os dedos no cabelo feminino curto. Já pronto para ir para o inferno, ia saborear o prazer.

Capítulo 15

Daphne esperava sentada na sala de Diego para ele voltar com o copo de vinho que ele havia oferecido. Ela se sentiu estranhamente nervosa, então se levantou para esticar as pernas e começou a andar. A sala estava arrumada e limpa, os livros no lugar, a televisão de plasma intocada, sem um grão de poeira que ousasse pousar sobre ela, não havia nada que despertasse sua curiosidade. Sem se atrever a entrar em qualquer cômodo sem permissão, se dirigiu para o corredor e ficou em frente ao enorme espelho de corpo inteiro que o presidia, como nunca o viu antes? A moldura era de ouro velho, ricamente esculpido com quatro rosetas em cada um de seus vértices; até o espelho era cortado em algumas áreas, o que explicava a passagem do tempo.

Olhou-se avaliando seu aspecto, cabelo desordenado pelas mãos de Diego ao beijá-la no elevador, vestido enrugado e pés descalços... «Também não é uma imagem atraente ou sexy.» disse a si mesmo enquanto suas mãos tentavam suavizar o emaranhado de cachos que eram seus cabelos.

Como se tivesse lido sua mente, Diego apareceu de repente atrás dela para lhe dizer o quanto ela estava bonita.

—É muito antigo? — Ela perguntou tentando desviar a conversa de si mesma.

— Era da minha bisavó. O pobre tem alguns anos. Mas minha avó adorava e quando morreu não quis me desfazer dele.

— É muito bonito —sussurrou

— Não tanto quanto você — insistiu Diego deixando as duas taças sobre o móvel da entrada.

—Você acha que Chloe voltou para casa bem? — Perguntou de novo, muito nervosa pelo que estava prestes a acontecer.

— Claro, Daphne. Andrés a levará para casa depois de tomar uma bebida. Não se preocupe com nada. Apenas relaxe.

—Tudo bem.

Antes que pudesse acrescentar qualquer outra coisa, mais sentiu do que viu, através do espelho, as mãos de Diego deslizando cuidadosamente sobre seus ombros, massageando-os com movimentos suaves que eram mais uma carícia do que uma pressão. Olhou para seu reflexo quando sentiu seu corpo se aproximar de suas costas. Suas grandes mãos abandonaram os ombros e buscaram as costelas, sua boca se entreteve mordiscando

seu pescoço, o lóbulo de sua orelha. O fôlego quente eriçou sua pele sensível... No entanto, Daphne não desviou o olhar do espelho à sua frente, fascinada, sem perder detalhes da doce sedução a que estava sendo submetida.

Desesperada por suas carícias hábeis, ela apertou a bunda nas pernas dele, as costas grudadas no comprimento rígido. Diego rosnou, mas ele continuou mordiscando sua orelha. Em troca, suas mãos foram além das costelas, com um movimento rápido, tirou a calcinha sem remover mais nada e virou-a novamente para que estivesse novamente na frente do espelho.

—É linda —murmurou com a voz entrecortada.

Suas mãos desceram suavemente pelo estômago, através do tecido macio do vestido, e se perderam entre as dobras molhadas do sexo feminino.

Daphne estremeceu com o contato, fechando os olhos para absorver melhor o prazer.

— Abra seus olhos, linda. Eu quero que você nos veja —pediu Diego.

A cena que tinha diante dela era tão erótica e as carícias tão profundas que sentiu que seus joelhos não poderiam segurá-la mais. Cambaleou sobre eles um segundo, para instantes depois, ser

levantada nos braços de Diego que a aprisionava contra a parede oposta ao espelho, de maneira que podia seguir vendo por cima dos ombros dele.

— Você tem o tamanho perfeito para mim. Segure-se firme — disse Diego, abrindo o zíper da calça a toda velocidade. — Com você sempre vou com pressa, nunca posso me dar ao luxo de saborear você com prazer.

Sua boca silenciou os protestos de Daphne, isso não era certo, pode ser que a primeira vez fora precipitada, mas era igualmente prazerosa, e sem nenhuma dúvida, Diego tomava a revanche nas seguintes. Sua mente parou de fluir quando sentiu a investida de Diego ao se unir por completo dentro dela, notou a parede fria nas suas costas e foi quando se deu conta de que já não usava o vestido, a mão esquerda de Diego voou até seu peito enquanto com a direita a segurava pelo quadril. O espelho lhe mostrava a visão nua dele, a maneira como os músculos de seu esplêndido traseiro se contraíam cada vez que afundava em seu corpo, cada vez mais profundamente.

As investidas ficaram mais rápidas e mais famintas... A explosão foi quase imediata e tão forte, que os deixou derrotados e quase

sem forças para continuar em pé. Diego se recuperou primeiro, sem sair do corpo de Daphne, foi para o quarto.

— Primeiro assalto, meu amor. Vamos para o segundo.

Daphne foi incapaz de dizer algo coerente.

—Humm.

Daphne acordou com a boca pastosa pelo vinho e o cansaço. Eles tinham acabado de adormecer. Levantou-se nua e descalça e foi para a cozinha em busca de um pouco de água. Como o resto da casa, era perfeitamente organizada e limpa. Ele abriu a geladeira para ver se Diego tinha água fresca, no entanto, um líquido rosa no imenso jarro do liquidificador chamou sua atenção. Ela pegou com cuidado e se serviu um pouco em um copo. O líquido molhou sua garganta seca e derreteu em seu paladar. Daphne gemeu de prazer, estava delicioso.

Com as baterias recarregadas e o doce sabor na boca, ela voltou ao quarto com uma ideia em mente.

Apesar de estar em setembro e o frio ainda não ter chegado, se aconchegou no calor que exalava seu corpo e esfregou-se ousadamente contra ele. Ao verificar que o gesto não cumpria o que havia proposto, acordá-lo, mudou de tática e molhou seu peito nu com beijos molhados. Estava prestes a gritar euforicamente

quando ele se mexeu, deslizou a boca suavemente pelos pequenos mamilos, desceu ao estômago, continuou pelo umbigo, quadris, para finalmente seduzir com seus lábios, os dentes e a língua, o duro sexo de Diego, a cada segundo mais excitado.

O gemido afogado dele lhe certificou o que já sabia, que estava disposto e receptivo a suas carícias, «acordar assim todos os dias pode não ser tão ruim, afinal», pensou Daphne. Seria algo que poderia me acostumar.

O som do celular alertou Daphne quando ainda não havia adormecido após o encontro da manhã. Diego roncou suavemente ao seu lado. Vestiu a primeira coisa que encontrou, a camiseta escura que Diego usara na noite anterior e se levantou em sua busca. Por que diabos não tinham fechado a porta? Se pelo menos estivesse entreaberta, não teria acordado e poderia estar recuperando a força de que precisava.

Sua bolsa estava em cima do sofá. Mexeu nela para encontrar o iPhone e ficou parada quando viu o rosto de sua mãe ocupar toda a tela. Atendeu com medo de sua reação:

— Bom dia mãe.

— Oi Daf. Onde você está? Sua irmã diz que você não está em casa. É muito cedo para trabalhar e além disso, é sábado... —

comentou preocupada.

— Não, mamãe. Eu não estou trabalhando, por que está me ligando?

— Não, estou ligando porque temos um encontro para almoçar. Preciso falar com sua irmã e com você. Vejo você às duas, fale com Chloe e ela lhe dará o endereço.

— Ok, mãe. Até logo.

— Querida, se você não está trabalhando, onde está?

— Estou com alguém, mãe.

—Um rapaz? A sério, querida? — Daphne não sabia se deveria ou não incomodar a descrença de sua mãe.

— Sim, mamãe. E além disso eu gosto muito.

— Isso é maravilhoso, filha. E eu quero que você saiba que estou feliz que você não esteja trabalhando — Candela concluiu antes de desligar.

Ótimo! No final, a trégua que sua mãe lhes havia oferecido não durou tanto tempo. Deixou o iPhone no sofá sem se preocupar em colocá-lo de volta no lugar e foi para a cama de Diego, o lugar que realmente queria estar. Mas então sua cabeça começou a trabalhar freneticamente. Ela acabara de dizer à mãe que estava com um homem e, o pior de tudo, se sentia bem ao fazê-lo. O que estava

acontecendo com ela? Não era uma dessas garotas, que tinha passado a vida inteira evitando qualquer tipo de compromisso, não queria ver sua vida destruída como a de sua mãe desde que seu pai as deixou. E agora lá estava ela, suspirando por um homem realmente incrível que sabia como fazê-la vibrar de mil maneiras diferentes. E ela havia dito à mãe! A comida seria a menos agitada depois de seu ataque de sinceridade ou, melhor dizendo, de imprudência.

Como um vendaval voltou para o quarto.

— Você está linda com minha camiseta — Diego a cumprimentou.

— Tenho que ir.

—O que acontece?

— Minha mãe está me esperando. Além disso, eu...

—O que há realmente de errado com você, Daf? Sabe que pode me dizer — ele disse docemente.

— Isso está indo muito rápido para mim. Eu não quero nada sério, eu já te disse.

Ela explicou sem olhar para ele enquanto terminava de calçar as sandálias. Uma parte dela realmente pensou no que estava dizendo. A outra estava dividida entre ficar ou fugir.

— Como quiser. Não quero te pressionar.

— Eu sei, e você é perfeito por isso — confessou se aproximando para beijá-lo antes de sair com toda a pressa.

Diego deitou-se na cama com um enorme sorriso de satisfação. Tudo estava indo bem, ele conseguiu que ela ficasse a noite toda novamente e, apesar de estar assustada, ela o beijou antes de sair para se despedir dele.

Capítulo 16

Daphne se mexeu desconfortavelmente no assento enquanto esperava a mãe chegar. Sua irmã não parecia muito mais calma do que ela, nenhuma das duas havia perdido a estranha escolha do restaurante em que comeriam. Candela o mencionara um local onde eram servidos alimentos orgânicos, ou seja, alimentos criados ou cultivados naturalmente, sem aditivos químicos ou substâncias de origem sintética. Onde havia ficado a mãe gourmet que elas recordavam?

Em vez de encontrar respostas, a aparência de Candela suscitou novas perguntas em suas filhas. Desde o casamento de Chloe, a última vez que as três estiveram juntas, sua mãe havia emagrecido cerca de quinze quilos, calculado por Daphne a olho nu, e mudado o tom dos cabelos, da mesma cor das filhas, tingindo-o de mogno. Candela se aproximou da mesa com um sorriso feliz que nenhuma das Llorenç se lembrava de ter visto em sua mãe.

— Boa tarde, filhas.

As duas se levantaram para beijá-la.

— Mãe, você está linda —disse Chloe.

— Sim mãe. Esta muito bonita —Confirmou Daphne.

— Muito obrigado pelos elogios, mas vamos pedir que estou faminta — Candela reclamou.

—Onde você deixou seu namorado, mãe? Por que ele não veio com você? — perguntou Daphne tentando distraí-la do motivo de sua visita, repreender Chloe por abandonar seu marido em plena lua de mel, e culpá-la pelo mesmo motivo.

— Ele não veio porque tenho que falar com vocês sobre assuntos delicados e é melhor que façamos isso sozinhas.

— Mãe, eu não poderia ficar casada com ele... — choramingou Chloe.

— Depois querida. Agora tenho que comer alguma coisa ou vou desmaiar.

As duas irmãs pareciam estupefatas. Quem era aquela mulher razoável e afetuosa diante delas? E o mais importante, o que ela fez com sua mãe?

A comida no Bio era requintada, elas escolheram uma ração de dorminhocos da floresta, que nada mais eram do que deliciosos croquetes de vegetais, *goulash* vegetariano de cogumelos sazonais e, como prato principal, ravióli de pêra e queijo de ovelha com

aroma de tomilho para as irmãs e almôndegas de atum rabilho «Polpa» legumes sicilianos para Candela.

A tensão se dissipou assim que a comida chegou, nenhuma das mulheres se lembrava do motivo do encontro, os sabores explodiram em sua boca e apreenderam cada um de seus sentidos, visão, olfato, paladar... Regaram o menu com um sorvete de limão que as tornou faladoras e sinceras.

— Não vim aqui para recriminá-la por estar se divorciando, Chloe —explicou Candela.

—Não, mãe?

— Não, estou aqui para falar de mim. Entendo que Angel não era para você, talvez se casou com ele pressionada por mim, e sinto muito, mas...

— Não, mãe. Me casei com ele porque acreditava que era outra pessoa diferente da que na realidade é. Não foi sua culpa.

— E você, — disse olhando para Daphne —te devo muitas desculpas. Por causa do meu ressentimento, tenho predisposto você contra o casamento e os relacionamentos. E agora eu... eu percebi o quão errada estava. Tudo o que você precisa fazer para ser feliz, Daf, é encontrar o homem perfeito para você.

—Você vê! —Exclamou Chloe. Era o que ela sempre pregara e agora, finalmente, sua mãe percebeu que estava certa.

— Agora vem o mais difícil. —Suspirou Candela— Filhas, eu vou me casar. Encontrei um homem bom que me ama com minhas falhas e minhas virtudes e quero ser feliz ao seu lado.

—Parabéns mãe! — explodiu a filhinha que ainda acreditava em casamento, apesar do desastre que fora seu.

As duas se viraram para Daphne, que não havia dito nada.

—Parabéns.

—Você está realmente feliz, filha? —Perguntou temerosa.

— Sim mãe. Claro que estou feliz.

—Quem é seu noivo mãe? O que faz? Conte-nos tudo —pediu Chloe. Mas Daphne não ouvia mais nada. Ela apenas sorria enquanto sua mãe e irmã falavam entre si otimistas e felizes com o novo enlace.

Ela tinha apenas uma imagem na cabeça, o rosto de Diego quando lhe dissera naquela manhã que não queria nada sério e que precisava pensar. Teria estragado tudo o que tinham por um medo racional que a sua mãe tinha inculcado nela e que ela já tinha superado?

Daphne se escondeu em seu escritório assim que chegou em casa. Estava cercada por casamentos, primeiro Pablo e agora sua mãe...

Não tinha mentido a nenhum dos dois quando lhes deu os parabéns, realmente se alegrava por eles e era aí exatamente onde residiam suas dúvidas, tinha sempre errado ao fugir do compromisso?

O som de alguns passos pelo corredor a tirou de seus devaneios.

O rosto preocupado de Pablo espiou pelo escritório.

—O que faz aqui?

— Chloe me ligou para falar sobre sua mãe. Pensou que ao menos falaria comigo. Ela está preocupada — não precisava acrescentar que ele também estava, seu rosto o denunciava.

— Minha irmã é exagerada. Estou bem. Por que você não está comemorando o amor com David?

— David estará me esperando quando eu chegar em casa. Eu tenho uma vida inteira para estar com ele, e agora você precisa mais de mim.

— Isso é verdade, apenas a primeira parte, e estou muito feliz por ambos. Mas com a minha mãe é diferente... Ela...

—Ela passou a vida falando sobre as pragas do casamento e dos homens em geral, e você acreditou nela porque ela era sua mãe. E agora você se sente enganada, porque ela decidiu mudar de ideia e é tão difícil fazer isso que te assusta.

— Sim, mais ou menos. Você fez um resumo bastante preciso de como me sinto.

— Eu sou seu melhor amigo. Eu te conheço.

— Isso também é verdade.

—Com o que você está realmente preocupada?

— Eu gosto do Diego. Gosto muito.

— Bem, eu também sabia disso.

— Bem, o que você não sabe é que eu estraguei tudo com ele. Eu disse a ele novamente que não quero nada sério. Não sei como ele reagiu.

— Aquele homem se importa. Tenho certeza que ele será paciente com você — disse Pablo que tinha uma facilidade incrível para calar as pessoas.

—E se não der certo? — Questionou pela primeira vez em voz alta.

—Você nunca saberá se não tentar. Você não precisa fazer nada, nem pensar, apenas se deixe levar pelo que sente, tenho certeza de

que ele entende perfeitamente o motivo pelo qual você saiu esta manhã. Além disso, o que tem que ser será.

— Essa é uma atitude muito zen.

— Eu acho que é mais uma atitude inteligente, mas se você prefere Zen... — Pablo zombou.

— Obrigado por vir.

— Sempre. Embora, se eu for honesto, eu não vim apenas para você, também vim pelos cupcakes da sua irmã.

Daphne aceitou a piada rindo. Então Pablo levantou-se da cadeira em que estava sentado quando entrou e a puxou para fazer o mesmo.

— Vamos comemorar o nosso final, Chloe preparou um novo lote que cheira deliciosamente.

— Chloe sempre assa quando está preocupada ou feliz, é sua válvula de escape —explicou Daphne.

— Pois vamos ter que fazê-la feliz muitas vezes, sobretudo porque depois vamos ter que fazer muito exercício para manter a linha.

—Você acha que Andrés estaria disposto a nos ajudar com isso?

— Se te referes à linha, eu já tenho David.

— Não seja bruto. Me refiro a Chloe.

— Você está brincando? Eu ficaria feliz em ser útil.

Capítulo 17

Novamente, Andrés insistiu em acompanhá-la em casa e, como nas vezes anteriores, Chloe suspeitava que suas intenções não fossem além de garantir que ela chegasse bem. Ela amaldiçoou a si mesmo, por que o diabos era tão perfeito? Depois do beijo que compartilharam dias atrás, no qual a atração mútua havia sido mais do que clara, ele ficou distante, como se sentisse culpado por isso.

Tinha-se inteirado pela boca de Diego, a quem lhe havia prometido guardar silêncio, que André havia sofrido a traição da que seria sua mulher e Chloe, compreensiva e cada vez mais convencida de que ele era o príncipe que sempre havia procurado, tinha decidido armar-se de paciência e aceitar o ritmo que ele marcava, mas ter paciência não era o mesmo que deixar de sentir...

Assim que pararam na frente de sua casa, Chloe tentou evitar o momento ruim de subir com ele no elevador, aspirando o delicioso aroma do seu perfume, para depois vê-lo sair sem poder dar liberdade ao seu desejo de beijá-lo até que perdesse a sensibilidade dos lábios.

— Não precisa me acompanhar até em cima —disse.

E sem lhe dar a opção de protestar, alcançou a maçaneta da porta, ansiosa para escapar dali. Sua mão ficou no meio do caminho, com uma velocidade surpreendente, ela se viu nos braços de Andrés, que queria mais do que impedi-la de deixar o carro.

Sua boca silenciou qualquer pergunta, embora Chloe, inteligente, não fosse perguntar nada.

Minutos depois, que para Chloe eram os mais intensos que ela conseguia se lembrar, Andrés finalmente falou:

— É como trair seu marido, não acha? — Perguntou fazendo infrutíferos esforços para afastar as mãos do corpo feminino.

—T tecnicamente... é. Ainda estamos casados — ela explicou com um arrepio causado pela mão que segurava seu pescoço.

— Bom, não seria tão grave, ele também fez isso com você... não? — Esperou que ela respondesse com certa ansiedade no olhar.

— Sim, tem razão, — ela concordou— tenho certeza que não conta.

—Nesse caso... — e sem dar mais argumentos, ele a beijou novamente. Dessa vez, sem reprimir, colocando no beijo todo o desejo que sentia desde a primeira vez que a viu com as algemas na mão e aquele sorriso indomável e doce, que o atraiu tanto.

Depois da deserção de sua mãe e da conversa que teve com Pablo dias atrás, Daphne ficou cada vez mais confusa sobre o que deveria fazer com sua vida. Seu relacionamento com Diego havia mudado, seus sentimentos por ele aumentavam dia após dia e sua cabeça estava zumbindo por tantas contradições.

Por um lado, havia suas dúvidas e, por outro, seu desejo de se deixar levar pelo que sentia, pela felicidade que lhe envolvia quando estava perto de Diego.

Diego tinha sido paciente e compreensivo, quando bateu à porta naquela noite, recebeu-a com um sorriso e os braços abertos. Não havia necessidade de pedir desculpas. Desculpas não eram necessárias entre eles, se entendiam melhor do que esperava de alguém que não fosse Chloe e Pablo.

— No dia 15 deste mês, prestarão homenagem à minha avó no The Circle of Fine Arts e eu gostaria que você me acompanhasse — disse numa daquelas noites em que jantaram na casa dele.

Diego tinha preparado carne assada e um smoothie especial com várias frutas, e planejaram assistir a um filme e ir dormir logo, já que trabalhava no dia seguinte mais cedo.

— Se eu fizer isso pareceria que estamos falando sério — Daphne respondeu tentando não engasgar.

Falar enquanto comia lhe resultava muito mais complicado que ao resto das pessoas.

— Bem, nosso relacionamento mudou nesse ponto.

—O que quer dizer?

— Você ficou para dormir as últimas cinco noites que temos ficado. Eu acho que isso já é ir a sério — Diego provocou testando o terreno.

— Mas eu fiquei porque você... Porque de manhã... Porque você...

—Você realmente ficou por isso?

— Bem, não apenas por isso. Eu também fiz isso porque eu queria...

—Estar comigo? — Ele ajudou, com pena de ver quanto lhe custava ser sincera.

—Sim.

— Daphne, você é como uma faísca que acende minha vida. Se eu fosse técnico em explosivos, diria que você é o detonador — disse rindo.— Antes de conhecê-la, não estava interessado em ter nada sério com ninguém. Mas agora tudo em que consigo pensar é que quero tê-la perto de mim todas as manhãs e não, não pense

mal, mesmo que seja parcialmente por esse motivo,— ele acrescentou rindo novamente — o principal é porque eu te amo.

— Acho que também te amo — finalmente confessou.

Diego suportou o desejo de se levantar, abraçá-la e levá-la ao quarto para que percebesse o quanto ele a amava e precisava dela, tanto quanto a queria e necessitava dela.

—Você acha? —Ele perguntou entre divertido e feliz.

— Não tenho certeza, não tenho nada para comparar. Você é o primeiro homem por quem me apaixono.

— Que honra.

— Ainda assim... eu não quero me casar.

— Bem, discutiremos isso mais tarde. Por enquanto estou satisfeito que você more comigo.

—Você está louco! Eu já tenho minha casa. Estamos muito perto, poderia...

— Sua casa também é seu escritório. Você não precisa sair, mas eu preciso que você fique comigo, a cada noite da sua vida.

—Mas...

— Nós faremos um acordo, se eu não lhe agradar de todas as maneiras possíveis, você terá pleno direito de sair e me deixar sozinho, mas se eu te agradar...

— Eu não entendo por que você é um simples policial. Você deveria ser um negociador. Você é muito bom — não era necessário dizer mais nada, com essas palavras acabava de aceitar a proposta.

— Isso significa que você aceita. Fica Comigo? — Diego queria ter certeza, ainda não acreditava que tivesse sido tão fácil convencê-la.

— Eu fico com você, esta noite e todas as outras.

Capítulo 18

Chloe entrou na livraria em direção ao seu objetivo, ela não estava voltando à cabeça para a seção de cozinha, cuja localização ela conhecia de cor; se fizesse, ficaria perdida por horas entre as receitas e levaria uma eternidade para comprar o livro pelo qual tinha ido até ali.

Ela ainda não havia chegado à seção de romances quando seu celular começou a tocar com o tom personalizado de Pablito.

When I'm lyin' in my bed at night I don't wanna grow up. Nothing ever seems to turn out right I don't wanna grow up.^[1]

Pegou o telefone a toda pressa e respondeu em voz baixa.

—O que você quer, Pablo?

—Já tem o livro? Me diga que já tem —pediu impaciente.

— Nem sequer o vi, qualquer um diria que me espia. Acabo de entrar na livraria.

—E o que você está esperando para comprá-lo? —Insistiu.

— Você não vai me deixar em paz até que eu faça, certo?

—Exatamente.

— Ok, então vamos em frente — disse sem cortar a linha. — O que eu não entendo é por que você não veio.

— Porque não. Você já chegou?

—Sim— Chloe respondeu quando ainda estava a meio caminho da prateleira para a qual se dirigia.

— Você mente muito mal.

O comentário fez com que ela parasse para olhar em volta. Era impossível para ele saber que havia mentido quando a ouviu dizer um pequeno monossílabo.

— Eu não posso acreditar que você está me espionando ou bem, eu posso acreditar, mas esse não é o caso. Onde você está?

—Em casa — respondeu rapidamente.

—Quem mente agora? — Chloe ralhou.

— Olhe na seção de romances darks — ele murmurou com raiva de si mesmo por se trair.

Seguindo as instruções de seu amigo, girou sobre si mesma em busca do cartaz que assinalava as diferentes seções.

Escondido atrás de óculos escuros e parapetado atrás de uma capa de chuva Humphrey Bogart, estava Pablito.

Chloe sorriu, apertando os lábios para que o riso preso em sua garganta não escapasse, já que seu amigo havia se encontrado com policiais, ou seja, com Diego e Andrés, se mostrava mais teatral do que já era. Agora ele via atitudes suspeitas atrás de cada esquina e a última gota era que ele havia se disfarçado de detetive dos anos cinquenta com óculos e capa de chuva.

Chloe aturou o tipo esperando por ele ao seu lado.

— Está ridículo com óculos de sol aqui, sem mencionar a capa de chuva que está usando.

— Invejosa. A capa de chuva é da Burberry, e também me dá um ar de *celebridade* que você queria ter.

— Se você diz... Vamos lá, vamos pegar o livro e sair daqui antes que me vejam com você dessa maneira. —Propôs voltando a andar.

Pablo arqueou uma sobrancelha, mas em vista de que seu gesto não afetou Chloe, fulminou-a com o olhar, conseguindo a mesma resposta dela.

— Depois vamos tomar café, preciso de cafeína para poder ler a noite toda —comentou se rendendo.

— Não se iluda, eu compro, eu leio primeiro —esclareceu levantando os braços.

—Nada disso.

— Então nós compramos dois —propôs exasperada.

—E quebrar a tradição? Claro que não. Hoje à noite você vem dormir em casa, assim faz um favor a Daf e deixa o apartamento para ela sozinha. A pobre mulher tem que sentir falta da sua cama.

—E Diego?

— Tenho certeza que ele está convidado a compartilhá-la.

— Vamos ver se eu entendi, você quer que eu deixe espaço para minha irmã e incomode David e você?

— Basicamente sim. Em outra ocasião, eu diria para você ir à casa de Andrés, mas estou meio louco para ler o livro, então você vem para casa.

— Tenho certeza que David adorará a ideia — ela comentou mordaz.

— Bem, não seria o nosso primeiro trio — zombou, lembrando-se do número no hotel, quando eles forçaram Angel a aceitar o divórcio.

— Tem razão, foi tão pouco memorável que havia esquecido.

— Você é maligna. Mas em todo caso você vem para casa — disse resolvendo o assunto.

— Pobre David, não entendo como te suporta — Ihe acusou mordendo o lábio para ocultar um sorriso.

— Meu garoto me ama e também gosta de ler. Na verdade, de fato me incentiva a fazê-lo.

— Garanto-lhe que posso viver sem tanta informação —Chloe murmurou.

— Nem te conto. Desenvolva sua imaginação, minha querida, você verá como Andrés ficará feliz.

—Pablo!

Dois dias depois de devorar a última aquisição literária em sociedade, se encontravam silenciosos no escritório da casa de Daphne, olhando um para o outro, quase sem piscar. Os olhos de um se fixam no outro e vice-versa. Sobre a mesa, um caderno em branco e o computador de Daphne com uma pagina do *word* igualmente imaculada...

— Não é uma boa ideia, Pablo. O que sabemos sobre essas coisas?

— Cale a boca e concentre-se.

— Me desculpe, mas você não me inspira...

—Você pensa que me inspira, bonita? Bem, não, o que acontece é que você precisa ser profissional —Pablo alegou.

— De acordo. Por onde começamos?

— Bem, no começo, sempre começa pelo início. Parece mentira.

— E de acordo com você, qual é o começo?

—Obviamente o título —respondeu exasperado.

—Isso é fácil: *O amor é um cupcake*.

—Que horror! — ele gritou levantando as mãos de uma maneira exagerada. — É suposto ser um romance erótico, não um livro de receitas.

— Vamos ver, o que você propõe?

— Eu acho que seria melhor começar a escrever e deixar o título para mais tarde —propôs se esquivando.

—Covarde!

—Frígida!

— Que você não me coloque não significa que seja frígida, acredito —se defendeu Chloe.

— Você está equivocada, eu coloquei todo mundo. Faz parte da minha natureza, ser sexy é meu dom.

— Quer saber, é melhor que todos escrevam suas ideias e depois conversaremos.

— Não parece certo, vamos concordar agora. Eu começo.

Evangeline se apoiou na parede.

—Por que se chama Evangeline? Não gostei.

— Mas a mim sim. Você escolhe o nome do protagonista, — ofereceu Pablo— continuo.

Evangeline se apoiou na parede temerosa de que seus joelhos não a segurassem.

— Eu não gosto, a coisa dos joelhos é bem vista — reclamou novamente Chloe.

Pablo estava protestando quando a porta do escritório se abriu e Diego entrou procurando Daphne.

Depois de informar que ela havia saído, eles continuaram sua discussão.

—O que estão fazendo? —perguntou com curiosidade.

— Nós estamos escrevendo uma cena romântica —explicou Chloe.

—Erótica —corrigiu Pablo.

— Eu gosto dessas cenas. *Daphne soltou um gemido lamentoso quando sentiu como aprofundava em seu corpo, tão fundo e tão forte que mal conseguia respirar. Ele estendeu as mãos grandes e cobriu os seios com elas, enquanto com o polegar brincava com o mamilo dolorido, ávido por carícias.*

Chloe e Pablo ficaram em silêncio com a boca aberta em surpresa.

—Vejo vocês mais tarde! — P policial se despediu.

Ele já havia saído do escritório quando os dois reagiram em unísono.

—Diego!

Capítulo 19

A luz entrava suavemente através das janelas, as persianas haviam sido levantadas o suficiente para que o quarto ficasse escuro.

—Tem certeza do que faz?

— Claro, eu sou uma profissional. A dúvida ofende.

Diego riu divertido.

—Deus! Isso soou como algo que Pablo diria, você passa muito tempo com ele.

Daphne ignorou o comentário e permaneceu focada no que estava fazendo.

— Vire-se — pediu sem deixar de pressionar o botão do obturador — mostre-me mais de você.

— Me sinto idiota.

— Eu te vejo sexy. Na verdade, eu te vejo muito, muito sexy.

De fato, Diego usando apenas a boina de serviço parecia muito mais do que sexy. Daphne sentiu o sangue esquentar nas veias, molhando todos os cantos do corpo que queimavam com calor.

Com os olhos no alvo, parou de repente, chocada, ao olhar para as mãos, a Canon ainda estava nelas, no entanto, não havia vestígios de seu frio profissionalismo. Com aquela elegância poderosa que lhe dava algo que ela usava como escudo, sua câmera.

Aquele homem era capaz de despojá-la de todas as suas camadas, a física e a psíquica. Onde estava a artista indiferente que havia fotografado os corpos mais bonitos da passarela e do tapete vermelho?

—Está bem? —Perguntou, preocupado.

— Não sei. Estou nervosa.

— Então você está bem. É normal ficar nervosa ao me ver pelado. Eu sou muito atraente — ele brincou tentando apagar as rugas de preocupação da sua testa.

—Quem você diz que passa muito tempo com Pablo?

Diego não respondeu, olhou para ela e lentamente levou a mão direita à boina, o único *adereço* que usava, e o tirou com um sorriso travesso e sensual que explicava mais sobre suas intenções do que uma longa conversa.

— Venha aqui, por favor.

Daphne colocou cuidadosamente a câmera na penteadeira e se aproximou dele sentindo centenas de cócegas em sua pele nua, coberta com a camisa que ele usara na noite anterior. A expectativa dançava no seu estômago e em cada uma das terminações nervosas.

Ela silenciosamente subiu na cama e sentou-se de joelhos, esperando que ele fizesse ou dissesse alguma coisa, impaciente para que esse algo, fosse tocá-la...

Diego não falou, levantou a mão e acariciou seus lábios com os dedos, notando como estes se umedeceram com o contato de sua boca entreaberta. Sem deixar de olhá-la os chupou provando o sabor de sua garota neles.

— Deite-se— ele pediu com uma voz rouca.

Daphne preparou-se para deitar de costas, mas Diego a impediu.

— Não assim, de cabeça para baixo.

Cada vez mais intrigada e ansiosa por tê-lo, ela fez o que ele havia pedido.

Diego saiu da cama com os joelhos tremendo de excitação, tomando cuidado para não perturbá-la, colocou-se atrás dela, entre as pernas abertas, e puxou cuidadosamente a camisa para deixá-la completamente à sua mercê.

Ninguém teria imaginado que haviam passado a noite fazendo amor para julgar o quanto ele estava excitado para senti-la.

Recorrendo a toda a força de vontade restante, ele se forçou a ir devagar, a provar cada centímetro de sua pele sedosa exposta diante dele. Ele começou com os pezinhos e subiu nas pernas e panturrilhas, lambendo e mordiscando, varrendo tudo. Os suspiros de Daphne ativaram seu sangue como ele nunca teria acreditado. Sua garota era viciante, tinha ficado sob sua pele e nunca havia como se saciar com ela. Ele precisava dela o tempo todo perto dele, não apenas à noite ou pela manhã, quando seu sangue se acumulava em certas partes de sua anatomia, ele precisava dela mesmo quando não estava ciente disso, quando dormia, procurava seu calor, sua suavidade. Daphne estava deixando-o louco, um dependente louco.

Enquanto sua boca se levantava, suas mãos massagearam a úmida e inchada carne de seu sexo, suspiros logo se transformaram em respirações agitadas e gemidos, e Diego aprofundou mais com suas carícias.

Uma vez que cada parte dela estava sensível e avermelhada por sua deliciosa atenção, se ajoelhou aos pés da cama e lambeu

avidamente a pele delicada que seus dedos estiveram torturando minutos antes.

Seus dentes gentilmente puxaram seus lábios superiores, sua língua se moveu conscientemente, evitando o pequeno monte de prazer que precisava de atenção. Daphne fez um som entre frustrado e satisfeito e Diego riu sobre seu centro satisfeito com a resposta dela à posse dele.

—Por favor —pediu com um sussurro.

Não foi preciso esclarecimento.

Com um grunhido de aceitação, Diego concentrou seu interesse na parte que havia esquecido deliberadamente. Desenhando círculos molhados nele. Com a carícia, Daphne estava mais do que pronta para se deixar ir, ela estava prestes a fazê-lo quando de repente Diego se levantou e quase deitado de costas a penetrou em um único golpe, preciso e devastador.

Daphne gritou uma mistura de surpresa e prazer, sentindo a forte barriga masculina batendo contra suas nádegas nuas. Ansiosa para facilitar sua penetração, ela levantou a bunda e jogou as mãos para trás para tocá-lo.

Sabendo que não iria alcançá-lo se não fizesse algo, se ergueu tudo o que podia e arrastou Diego com ela, que não tinha escolha a

não ser ficar de costas. Com isso, Daphne teve acesso às áreas que a interessavam, sua mão beliscou o bumbum duro e Diego estabeleceu um ritmo selvagem que os fez arder e quebrar como nunca antes.

— Eu amo ficar com você a noite — murmurou sonolenta.

— E eu amo que você fique.

Diego estava apoiado nos antebraços, o rosto escondido na curva elegante do pescoço, tentando não esmagá-la com o peso, tão deliciosamente cansado...

— Não gosto só pelo que acaba de acontecer, também é...

— Eu sei. Eu também te amo.

Epílogo

As duas irmãs estavam sentadas na primeira fila de bancos, esperando os convidados que ficaram para trás entrarem.

— Querida, você tem certeza? — Chloe perguntou preocupada.

— Claro que sim, por que você pergunta?

—Você quer a versão longa ou curta?

—A curta, por favor.

— Você odeia casamento.

— Certamente é uma boa razão, mas as coisas mudaram muito.

Além disso, prometi a Pablo que faria o ensaio fotográfico de seu casamento.

— Eu sei, mas estou certa de que se te visse agora mesmo mudaria de opinião. Parece que está a caminho do matadouro.

Daphne riu sem vontade antes de fulminar a sua irmã com o olhar. Instante em que os noivos decidiram que tinha chegado o momento de entrar no tribunal.

Ambos estavam lindos em seus ternos Dolce e Gabbana, enquanto Pablo usava um branco imaculado, David estava de preto

rigoroso, a única coisa que ambos compartilhavam eram os sorrisos felizes que ofereciam a seus convidados.

— Daphne, você senta ao meu lado — ordenou Pablo, que inclusive no dia de seu casamento exercia a função de organizador.

—E as fotos?

— Você é a madrinha. Você vai tirar fotos de nós mais tarde, não fique ansiosa — ele brincou, sabendo de sua animosidade em fotografar enlases.

Daphne mordeu a língua para não replicar, era o noivo e, embora sempre fosse insuportável, esse dia tinha direito para sê-lo.

Uma espécie de James Bond de casamento.

Na recepção e com uma bebida na mão, Diego a observava enquanto ela se movia entre os convidados capturando os momentos agradáveis que sempre acontecem nos casamentos.

— Deveria fechar a boca. Fica péssimo que um policial bronzeado e forte como você ande babando por uma mulher — Pablo brincou colocando-se ao seu lado para observar Daphne.

—Fala a voz da experiência?

—Você implica que eu babo quando olho para meu marido? — E ele perguntou levantando uma sobrancelha.

Diego assentiu divertido.

— Então siga o seu, não tenho o direito moral de tirar sarro de você.

— É o seu casamento. Eu acho que isso te dá certos privilégios
— ele disse piscando um olho.

Pablo abriu os seus desmesuradamente antes de começar a rir.

—Tem razão! Hoje eu posso dizer e fazer o que eu quero, e ninguém precisa ficar com raiva porque é o meu dia!

—Certo!

— Ok, então lá vai a primeira licença do dia. Não deixe Daphne escapar esta tarde ou você vai se arrepender por toda a sua vida. Hoje está muito mais acessível do que nunca.

— Eu não te entendo, Pablo. Normalmente você é mais direto.

— Direto, não é? Hoje é um dia perfeito para declarar, está fotografando um casamento.

—Mas...

— Não pense nisso. *Just do it*^[2]!— Disse enquanto voltava pelo mesmo caminho que tinha vindo.

Diego ficou desorientado, era verdade que Daphne parecia ter superado um pouco o medo de relacionamentos estáveis, e também era a que estava fotografando um casamento, mas...

— Oi, cunhadinho— Chloe cumprimentou com um enorme sorriso nos lábios.

— Olá, preciosa.

— Eu sei que nunca te disse, mas estou feliz que esteja namorando minha irmã, você é um cara legal. E meu garoto é seu melhor amigo, então você é quase perfeito.

—Obrigado!

—Sabe por que você não é perfeito?

—Não.

— Porque você não consegue interpretar os sinais. Deveria olhar mais os detalhes.

Diego sorriu para si mesmo, ele era um policial treinado para examinar os detalhes, onde Chloe queria chegar com essa conversa?

—O que você acha que eu perdi?

— Os sinais que Daphne tem lhe enviado. Minha irmã está interessada em se comprometer, digo a você, que a conheço. Além disso, hoje é o dia perfeito, dizem que os casamentos trazem sorte — e ela beijou sua bochecha e saiu sorrindo enquanto Andrés conversava com David.

Meu Deus! Chloe também. Talvez devesse repensar as suas opções, ele tinha clareza, sabia que queria a Daphne a seu lado para sempre, mas ela estava interessada no mesmo?

Porque não? Se perguntou. Afinal, sua irmã e sua melhor amiga eram as que mais a conheciam.

Pablo e Chloe estavam concentrados no casal que dançava abraçado a poucos metros deles. O noivo havia abandonado seu recém-estreado marido por uma das madrinhas para vigiar precisamente a outra madrinha do casamento, a terceira em discórdia.

—Acha que vai nos ouvir? — Chloe perguntou nervosa.

— Claro que sim. Não é isso que me preocupa, tenho medo que sua irmã estrague a nossa noite.

—O que! Você disse que tinha certeza de que aceitaria.

— E estou, quase, quase certo.

—Deus! Se ela o rejeitar, Diego nos matará.

— Se rejeitá-lo, eu mesma matarei sua irmã. Vão me prender antes que Diego me pegue.

Chloe olhou para o céu, exasperada.

— Olha, eles estão saindo da pista —anunciou Pablo.— Cruze os dedos e reze tudo o que você sabe. Eu não posso ir para a

prisão, eu sou um doce muito atraente.

Daphne se espremeu ao lado de Diego, que havia proposto dar um passeio. A recepção de casamento estava sendo realizada em um belo restaurante nas montanhas. Os jardins eram maravilhosos e Pablo não resistiu em celebrar o enlace ali. Uma enorme tenda branca protegia os convidados do frio da noite.

— Isso é lindo.

—Sim, é —Diego concordou, olhando para ela.

— Não seja bobo.

— Eu tento, mas parece que além de ser bobo, eu também sou meio cego. Veja, Daf, eu... O que eu quero dizer é que eu te amo.

—Eu sei.

— Eu te amo e quero estar sempre com você. Eu sei que você não gosta de compromissos e que...

—Está certo.

—Perdão? —Perguntou desconcertado.

— Sim, eu também quero estar com você para sempre.

Diego levou quase meio minuto para poder falar.

— Daf, você é incrível. Você acabou de estragar minha declaração e eu levo praticamente, desde que eu te conheço,

tentando saber o que dizer para você aceitar.

—Ups — ela brincou colocando a mão na boca.

—Você quer se casar comigo e ficar ao meu lado todas as noites da nossa vida? Desde que te conheci, sabia que você estava me deixando louco, e assim tem sido. Adoro resgatá-la quando seu jantar queima ou você perde suas chaves; Eu adoro quando você veste minhas roupas, quando você quebra meus óculos... eu gosto de tudo em você. Diga que concorda em ficar comigo para sempre.

— Somente se todas as manhãs forem igualmente intensas — respondeu com um sorriso travesso.

— Posso prometer isso — aceitou, abaixando a cabeça para beijá-la.

Entre as cercas do jardim, dois suspiros aliviados foram ouvidos, no entanto, o casal que se beijava estava muito concentrado para ouvir qualquer coisa, exceto o próprio batimento cardíaco.

Sobre a autora

Olga Salar. Nasceu em 22 de janeiro de 1978 em Valência. Se formou em filologia hispânica para saciar sua curiosidade pelas palavras, enquanto combinava sua paixão pela leitura.

Escreveu seu primeiro romance com uma teoria, para ela brilhante e contrastava, sobre o desastre da primeira vez, Um amor inesperado (Zafiro. Planeta) e, depois dele seguiu o duologia juvenil Laços Imortais (Kiwi). Nesse mesmo gênero acaba de publicar Como sobreviver ao amor (Planeta). Embora tenha sido no romance adulto, onde encontrou sua voz.

É autora de Fique esta noite (Kiwi), Inimigos Íntimos (Versáteis), Um compromisso pendente (Versátil), Uma noite sob o céu (Kiwi), Jimena não desfolha margaridas (Versáteis), Apenas o desejo (Zafiro. Planeta), Diga sim, com o qual teve uma menção especial no II Prêmio digital HQN, Eu sonhei com você (Versátil), Romance a la carte (Versátil) Um beijo arriscado (HQN) e Igualmente senti sua falta menos do que mais (Amazon), Quilo e $\frac{3}{4}$ de amor (Amazon), Como se soletra eu te amo (HQN), Com você

quero tudo (HQN), Duelo de vontades (HQN), O coração de uma dama (HQN).

[Para conhecer todas as suas obras, clique aqui](#)

Outras obras da autora

Que a vida não dê tantas voltas que me enjojo.

A vida de Lorena é uma montanha-russa de emoções que nada têm a ver com seu trabalho como advogada em um conhecido escritório de advocacia, mas com sua tendência de fazer as coisas sem pensar.

Por isso, os desastres se colam como o metal ao ímã: atraídos sem remédio. O último a ser arrastado levou-o até um policial sexy empenhado em ser seu noivo.

Lorena poderá resistir ou, como o ímã, estará destinada a ficar com ele para sempre?



Pare o mundo que quero descer

Que a prática faz o professor é o mantra que guia Susana e que a leva a procurar um namorado de mentira com quem possa aprender a ser sexy e interessante.

O problema é que toda prática envolve seus riscos, especialmente quando o sujeito em questão é um advogado inteligente, atraente e acostumado a deslumbrar as damas.

O que pode fazer diante disso uma juíza acostumada a lidar com toda classe de advogados? Ceder à tentação ou admitir a tramitação da proposta?



Te disse para não tocá-la mais

A vida de Darcy Lauren dá uma volta de cento e oitenta graus no dia em que ela toma a decisão de se divorciar. Apesar de ter as coisas claras e a velocidade com que retomou sua vida, sua capacidade de criar histórias de amor é diminuída por essa decepção que lhe partiu o coração.

Buscando se reunir com as musas, se esconde na pequena cidade da Irlanda de onde vem sua família e se depara com o fato de que as divindades travessas, em uma tentativa de restaurar sua inspiração, a enviaram para a única pessoa que pode devolvê-la.



Eu sinto sua falta de qualquer maneira.

Quando Olympia se depara com seu passado, percebe que seus problemas apenas começaram. Lá estava ele, olhando para ela com os olhos negros, sem aviso e ainda mais atraente do que se lembrava. E Olympia, que pensava ter superado isso...

Como ela é uma optometrista da mais profissional, ela está disposta a experimentar todas e cada uma das lentes corretivas que ela acumulou ao longo dos anos: aquelas de "sonhos quebrados", aquelas de "vingança", aquelas de a "estabilidade solitária" e as da "ilusão". Mas não decidiu tentar aqueles que estão marcados como "Dê Outra Oportunidade".

Felizmente, nesta montanha-russa que é a vida, ela será acompanhada por seus grandes chefes, Gerardo e Arturo, parentes de "seu passado", sua inseparável amiga Lola, que sofre do ataque dos malditos hormônios, e seu irmão Nico, um DJ inimigo da dor que está ansioso para colocar ritmo na trilha sonora do seu futuro.



Quilo e $\frac{3}{4}$ do amor.

Gabrielle sabe que os sapatos são bons para todas as mulheres, qualquer que seja seu tamanho. Que usar um stiletto em qualquer garota pode ser capaz de comer o mundo e que os sapatos certos têm o mesmo efeito que um salto de quatro polegadas. É por isso que ela escolheu projetar sapatos como um modo de vida e, graças a essa paixão que sente pelo que faz, seu selo se tornou a marca recorrente de milhões de mulheres em todo o mundo.

Agora ela está determinada a conquistar a outra metade da população: homens. E para isso ele precisa do modelo perfeito que incorpora aquela filosofia de vida que permeia seus projetos.

O problema é que ele se recusa a misturar trabalho com prazer e, seu novo modelo, é feito para ser a forma perfeita de seu sapato.



^[1] Música *I don't want to grow up* dos Ramones

^[2] Apenas faça.